CURSO DE TEOLOGIA

IBADEP - Instituto Bíblico da Assembleia de Deus - Ensino e Pesquisa

Reconhecido
CEC
CGADB

PENTATEUCO

BÍBLIA

Edição 2012

AEADEPAR - Associação Educacional das Assembleias de Deus no Estado do Paraná

IBADEP

IBADEP - Instituto Bíblico da Assembleia de Deus - Ensino e Pesquisa

Rua IBADEP, S/N° - Eletrosul - Cx. Postal 248

85980-000 - Guaira - PR

Fone/Fax: (44) 3642-2581

E-mail: ibadep@ibadep.com

Site: www.ibadep.com

DIGITALIZAÇÃO:



PASTOR DIGITAL E ESDRAS DIGITAL

Índice

Lição 1 - Gênesis 15

Lição 2 - Êxodo 41

Lição 3 - Levítico 67

Lição 4 - Números 91

Lição 5 - Deuteronômio 117

Referências Bibliográficas 143

Lição 1

Gênesis

Gênesis	**Autor:** Tradicionalmente Moisés. **Data:** Cerca de 1445-1405 a.C. **Tema:** Começos. **Palavras-Chave:** Genealogia, criar, aliança,. **Versículo-chave:** Gn 3.15.

Gênesis: A forma hebraica desse nome é: "*Bereshith*", que é a palavra inicial do livro, significando ao princípio. Os setentas (Septuaginta) deram-lhe o nome, em grego, de Gênesis, que significa: "princípio", "origem" ou "nascimento".

O Autor

Segundo antiqüíssima tradição hebraica- cristã, Moisés, dirigido pelo Espírito de Deus, compôs o Gênesis a vista de antigos documentos existentes em seus dias.

Os fatos do final do livro ocorreram uns 300 anos antes dos dias de Moisés. Este podia ter recebido as informações somente por revelação direta de Deus, ou mediante aqueles registros históricos recebidos dos seus ancestrais.

Data

A data tradicional do êxodo do Egito se encontra no meio do décimo quinto século a.C. 1Reis 6.1 afirma que Salomão começou a construir o templo "no ano quatrocentos e oitenta, depois de saírem os filhos de Israel do Egito". Entende-se que Salomão tenha iniciado a construção em cerca de 960 a.C., datando assim o êxodo depois de 1440 a.C., durante os quarenta anos no deserto.

Comentário

Começa com o "Hino da Criação", vindo depois dez "Livros de Gerações" que constituem o arcabouço[1] de Gênesis. Os onze documentos são os seguintes:

*"O Hino da Criação" (Gn 1.1-2.3);
*"O Livro das Gerações dos Céus e da Terra" (Gn 2.4-4.26);
*"O Livro das Gerações de Adão" (Gn 5.1-6.8);
*"As Gerações de Noé" (Gn 6.9-9.28);
*"As Gerações dos Filhos de Noé" (Gn 10.1-11.9);
*"As Gerações de Sem" (Gn 11.10-26);
*"As Gerações de Terá" (Gn 11.27-25.11);
* "As Gerações de Ismael" (Gn 25.12-18);
*"As Gerações de Isaque" (Gn 25.19-35.29);
*"As Gerações de Esaú" (Gn 36.1-43);
*"As Gerações de Jacó" (Gn 37.2-50.26).

Estes onze documentos primitivos, originalmente registros de famílias da linhagem escolhida de Deus e de famílias aparentadas, que

[1] Traços gerais; lineamentos; esboço.

compõem o livro de Gênesis, cobrem os primeiros milênios da história humana, desde a criação do homem ao estabelecimento do povo escolhido por Deus no Egito.

Propósitos

O livro do Gênesis é a introdução à Bíblia toda. E o livro dos princípios, pois narra o começo da criação, do homem, do pecado, da redenção e da raça eleita. Tem sido chamado de "viveiro ou sementeiro da Bíblia" porque nele estão as sementes de todas as grandes doutrinas.

Na opinião de Gillis, sem o Gênesis a Bíblia "é não só incompleta, mas incompreensível". Embora o Gênesis esteja estreitamente ligado aos demais livros do AT, relaciona-se mais ainda, em certo sentido, com o NT; alguns temas do Gênesis mal voltam a aparecer até que sejam tratados e interpretados no NT. Inclui-se aí a queda do homem, a instituição do casamento, o juízo do dilúvio, a justiça que Deus imputa ao crente, o contraste entre o filho da promessa e o filho da carne, e o povo de Deus como estrangeiros e peregrinos.

O livro do Apocalipse, em particular, narra o cumprimento dos grandes temas iniciados no Gênesis. A "antiga serpente", que "engana todo o mundo", está derrotada; cai Babel (Babilônia), e os redimidos são levados de novo ao paraíso e têm acesso à árvore da vida.

O Gênesis narra como Deus estabeleceu para si um povo. Relata a infância da humanidade, porém o autor não pretende apresentar a história da raça toda; destaca apenas os personagens e sucessos que se relacionam com o plano de redenção através da história.

Traça a linhagem piedosa, que transmite a promessa de Gênesis 3.15: *"E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua descendência e o seu descendente; este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar"*, e vai descartando as linhas colaterais, não lhes dando importância.

A história da humanidade vai-se restringindo, cada vez mais, até que o interesse se concentra em Abraão, pai do povo escolhido. A partir daí, toda a história do AT trata, em grande parte, da história de Israel. Fala de outras nações, porém o faz incidentalmente e apenas no que se refere às suas relações com Israel.

Podemos dizer, em síntese, que Gênesis foi escrito principalmente para relatar como o Senhor escolheu um povo que levaria a cabo os propósitos divinos. Não obstante, este Deus não é somente de Israel, mas do mundo inteiro. Abraão estabeleceu uma aliança com Ele, que prometeu-lhe multiplicar sua descendência até convertê-la em uma nação, a qual seria instalada em Canaã. Qual era o motivo divino ao fazer tudo isto? Que Israel se constituísse uma fonte de bênção para "todas as famílias da terra" (Gn 12.3). Isto é, Deus abençoa um povo para que depois, este seja o veículo de bênção universal.

Sete características principais:

1 Foi o primeiro livro da Bíblia a ser escrito (com a possível exceção de Jó) e registra o começo da história da humanidade, do pecado, do povo hebreu e da redenção;

2 A história contida em Gênesis abrange um período de tempo maior do que todo o restante da Bíblia, e começa com o primeiro casal humano; dilata-se, abrangendo o mundo antediluviano, e a seguir

limita-se à história do povo hebreu, o qual semelhante a uma torrente, conduz a redenção até o final do AT;

3 Gênesis revela que o universo material e a vida na terra são categoricamente obra de Deus, e não um processo independente da natureza. Cinqüenta vezes nos capítulos 1 e 2, Deus é o sujeito de verbos que demonstram o que Ele fez como Criador;

4 Gênesis é o livro das primeiras coisas: o primeiro casamento, a primeira família, o primeiro nascimento, o primeiro pecado, o primeiro homicídio, o primeiro polígamo[1], os primeiros instrumentos musicais, a primeirapromessa de redenção, e assim por diante;

5 O concerto de Deus com Abraão, que começou com a chamada deste (Gn 12.1-3), foi formalizado no capítulo 15, e ratificado no capítulo 17, e é da máxima importância em toda a Bíblia;

6 Somente Gênesis explica a origem das doze tribos de Israel;

7 Revela como os descendentes de Abraão, por fim, se fixam no Egito (durante 430 anos) e assim preparam o caminho para o êxodo, o evento redentor central do AT.

Gênesis e seu Cumprimento no NT

A rica temática do Gênesis repercutiu com frequência no NT:

- ✓ Adão, através de quem entrou o pecado e a morte no mundo é contraposto a Cristo, autor da justificação e da vida (Rm 5; 1Co 15);

[1] **Aquele que tem mais de um cônjuge ao mesmo tempo.**

- ✓ A arca de Noé e o dilúvio são vistos como símbolos da Igreja e do batismo (1Pe 3);
- ✓ Abraão é o modelo de fé dos crentes (G1 3; Hb 11. 8-10); e
- ✓ O sacrifício de Isaque lembra o sacrificio de Cristo.

Esfera de Ação

A historia do livro abrange um período de 2.370 anos - da criação à morte de José (50.26). Neste período, surgiram as primeiras revelações através de patriarcas que viveram antes e depois do Dilúvio:

Da Criação ao Dilúvio	=>	1.656 anos
Do Dilúvio a Abraão	=>	528 anos
De Abraão a Isaque	=>	105 anos
De Isaque a Jacó	=>	27 anos

História Primitiva (Gn 1-11)

1. A criação do Universo (Gn 1.1-25).

É possível que Gênesis 1.1 afirme que Deus criou a matéria em um ato. O vocábulo *"bara"* traduzido "criou", só se usa em conexão com a atividade de Deus, e significa criar do nada, ou criar algo completamente novo, sem precedentes.

A palavra "*bara*" encontra-se em Gênesis 1.1,21 e 27, e se refere à criação da matéria, da vida animal e do ser humano. Em outros casos, emprega-se *"asa*", que corresponde a "fazer".

Pela fé entendemos que os mundos pela Palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente (Hb 11.3).

Moisés empregou uma palavra para descrever a participação do Espírito; essa palavra sugere o ato de uma ave voando sobre o ninho no qual estão seus filhotes (Gn 1.2). O Espírito pairava[1] sobre a superfície da terra, caótica[2] e sem forma, dando-lhe forma e ordem. Assim Deus sempre gera ordem da desordem.

1. ***A criação do homem.***

Deus fez o homem como coroa da criação. O fato de que os membros da Trindade falaram entre si (Gn 1.26), indica que este foi o ato transcendental e a consumação da obra criadora. Deus criou o homem para ser tanto do mundo espiritual como do terreno, pois tem corpo e espírito.

O corpo do homem foi formado do pó da terra,à semelhança do que se deucom os animais (Gn 2.7,19); o que nos ensina que ele se relaciona com as outras criaturas. (A ciência tem demonstrado que a substância do corpo humano contém os mesmos elementos químicos do solo).

Seu nome em hebraico "Adão" (homem),é semelhante a *"Adama"* (solo).

O homem foi feito à imagem de Deus, portanto tem grande dignidade. Que significa "a imagem de Deus" no homem? Não se refere a seu aspecto físico, já que Deus é espírito, e não tem corpo. A imagem de Deus no homem tem quatro aspectos:

■ Somente o homem recebeu o sopro de Deus, portanto tem um espírito imortal, por meio do qual pode ter comunhão com Deus;

[1] **Estar ou ficar no alto.**

[2] **Que está em caos, confuso, desordenado.**

- É um ser moral, não obrigado a obedecer a seus instintos, como os animais, porém possui livre- arbítrio e consciência;
- É um ser racional, com capacidade para pensar no abstrato e formar idéias;
- Havia de ser o representante de Deus, investido de autoridade e domínio, como visível monarca e cabeça do mundo. Alguém observou que o homem tem espírito para ter comunhão com Deus; vontade para a Ele obedecer, e corpo para servi-lo.

2.1. O homem no Éden (Gn 2.4-25).

No capítulo 1 o Criador é chamado "Deus" *(Elohim*), nome genérico do Ser Supremo. Aqui é "o Senhor Deus" (*Jeová Elohim),* Seu nome pessoal: o primeiro passo de um longo processo da auto-revelação de Deus. Podemos ver a solicitude de Deus pelo homem nos seguintes fatos:

Colocou-o no jardim do Éden (delícia ou paraíso), um ambiente agradável, protegido e bem regado. O jardim estava situado entre os rios Hidéquel (Tigre) e Eufrates, numa área que provavelmente corresponde à região de Babilônia, próxima do Golfo Pérsico. Deus deu a Adão trabalho para fazer, a fim de que não se entediasse.

Deus proveu a Adão uma companheira idônea: Eva (hebraico: vida), instituindo assim o matrimônio. Neste capítulo encontra-se em forma embrionária, o ensino mais avançado dessa relação. O propósito primordial do matrimônio é proporcionar companheirismo e ajuda mútua: *"Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea* (semelhante ou adequada)" (Gn 2.18). Deve ser monógamo, pois Deus criou uma

só mulher para o homem, deve ser exclusivista, porque "*deixará o varão o seu pai e a sua mãe* deve ser uma união estreita e indissolúvel: "*apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma só carne".*

Deus concedeu a Adão ampla inteligência, pois ele podia dar nomes a todos os animais. Isto demonstra o fato de que tinha poderes de percepção para compreender suas características.

Deus mantinha comunhão com o homem (Gn 3.8), e assim o homem podia cumprir seu mais elevado fim. A essência da vida eterna consiste em conhecer pessoalmente a Deus (Jo 17.3), e o privilégio mais glorioso desse conhecimento é desfrutar da comunhão com Ele.

Deus pôs o casal à prova quanto à árvore da ciência do bem e do mal (era "boa para se comer", "agradável aos olhos" e "desejável para dar entendimento").

A criação da mulher: A esposa de Adão foi tirada do lado dele, enquanto ele dormia (Gn 2.21,22). O comentarista Matthew Henry observa que a mulher não foi formada da cabeça do homem, para que não exerça domínio sobre ele, nem de seus pés, para que não seja pisada, mas de seu lado, para ser igual a ele, e de perto de seu coração, para ser amada por ele.

A Queda e suas Conseqüências (Gn 3 e 4)

O capítulo 3 de Gênesis relata como o pecado entrou no mundo e como tem produzido conseqüências trágicas e universais.

=>" ***O tentador e a tentação (Gn 3.1-6).***

Embora Moisés não diga aqui que o tentador foi Satanás, tal fato acha-se indicado no NT (Jo 8.44; Ap 12.9; 20.2).

Parece que Satanás se apossou da serpente e falou por meio déla realizando um milagre diabólico. Geralmente ele opera por meio de outros (Mt 16.22,23), e é mais perigoso quando aparece como anjo de luz (2Co 11.14).

A tentação observou o seguinte processo:

=>Começou com a insinuação de que Deus era demasiado severo. "É assim que" (Gn 3.1) é uma frase que indica surpresa ante o fato de que, um Deus solícito lhes tivesse proibido desfrutar do produto de qualquer das árvores do jardim.

=>A seguir Satanás levou a mulher para o terreno da incredulidade negando plenamente que houvesse perigo em comer do fruto.

=>Finalmente, o tentador acusou a Deus de motivos egoístas. Insinuou que Deus os privava de algo bom, isto é, de serem sábios como Ele. Dessa maneira, caluniou ao Senhor.

Enquanto Eva não duvidava da Palavra de Deus e de sua bondade, não sentia fascinação pelo produto. Foi a incredulidade que lhe tirou suas defesas. Então viu que "aquela árvore era boa", "agradável", "desejável" e "comeu".

Consequências do primeiro pecado (Gn 3.7-24).

Seguiu-se ao pecado o resultado desastroso, como um rio impetuoso[1]. Não foram desproporcionalmente severos em comparação com o

[1] **Que se move com ímpeto: Arrebatado, veemente, fogoso**

delito[1]? Evidentemente, Deus havia provido tudo para o bem do homem e havia proibido uma única coisa. Ao ceder à voz de Satanás, o homem escolhia agradar-se a si mesmo, desobedecendo deliberadamente a Deus. Era um ato de egoísmo e rebelião inescusável. Em realidade, era atribuir a si o lugar de Deus.

O Dilúvio (Gn 5-9)

As gerações dos antediluvianos (Gn 5).

Segundo Myer Pearlman, o propósito principal da genealogia que se encontra neste capítulo (como outras genealogias bíblicas) é de "conservar um registro da linhagem da qual virá a semente prometida (Cristo)". Traça a linha de Sete até Noé.

A descrição da maioria dos antediluvianos limita-se à expressão lúgubre[2] e monótona: "Viveu... gerou... morreu".

Assinala a conseqüência mortífera do pecado, pois por mais anos que um homem viva, finalmente morre. Não obstante, na lista dos mortais encontra-se a esperança de imortalidade: "E andou Enoque com Deus; e não se viu mais; porquanto Deus para si o tomou".

A vida de Enoque destaca-se por três características:

=>Sua vida é mais curta aqui na terra que a dos outros de sua geração, uma vez que foi de 365 anos.

=>Anda com Deus num ambiente de maldade e de infidelidade.

S=>Desaparece repentinamente, arrebatado ao céu como Elias.

[1] **Culpa, falta; pecado.**

[2] **Triste, soturno, fúnebre, funesto, lóbrego.**

- ***Corrupção da humanidade / Dor divina (Gn 6.1-8).***

Com o transcorrer do tempo, a separação entre os descendentes de Sete e os de Caim cessou por causa do casamento das duas linhagens (Gn 6.2). A união dos piedosos com mulheres incrédulas foi motivada pela atração física de tais mulheres.

Sem mães piedosas, a descendência de Sete degenerou-se espiritualmente.

A corrupção e violência dos homens doeram a Deus e lhe pesava havê-los criado. Determinou Deus destruir a perversa geração. Horton observa que sua ira procedeu de um coração quebrantado. Deus concedeu a estes homens um prazo de 120 anos para arrepender-se (Gn 6.3). Depois, se não o fizessem, retiraria deles seu espírito.

O propósito do dilúvio era tanto destrutivo como construtivo. A linhagem da mulher corria o perigo de desaparecer pela maldade. Por isso Deus exterminou a incorrigível raça velha para estabelecer uma nova. O dilúvio foi também o juízo contra uma geração que havia rejeitado totalmente a justiça e a verdade. Isto nos ensina que a paciência de Deus tem limites.

- ***Deus limpa a Terra com o dilúvio (Noé e a arca).***

Um homem chamado Noé da descendência de Sete, era justo aos olhos do Senhor e pregador da justiça de Deus (Gn 6.9) e por isso Deus se voltou a ele e mandou que construísse uma arca, pois Deus haveria de destruir a humanidade com chuva sobre a terra (Gn 6.6). Noé colocou na arca todos os seres viventes conforme o Senhor havia mandado (Gn 6.19-22).

No ano seiscentos da vida de Noé aos dezessete dias do segundo mês, nesse dia romperam-se

todas as fontes do grande abismo e as comportas do céu se abriram (Gn 7.1-11).

Deus prometeu que não mais destruiria o mundo com águas do dilúvio e por isso deu-lhe um sinal, o "arco-íris" (Gn 9.13), que é o pacto da promessa e misericórdia de Deus. A destacar:

- *O caráter de Noé*\ apesar da má influência do meio em que vivia, de não ter companheiros piedosos, e de não ter uma revelação de Deus mais ampla, mesmo assim lemos que ele achou graça diante do Senhor;
- *Noé não esperou para ver*: obedeceu e pôs-se a trabalhar. Ele foi avisado de coisas não vistas (Hb 11.7). É provável que nunca houvesse chovido antes. "Sendo temente a Deus" aparelhou a arca.

Questionário

- Assinale com "X" as alternativas corretas

1. Quanto ao livro de Gênesis, é incoerente dizer que:

   a) Foi o primeiro livro da Bíblia a ser escrito (com a possível exceção de Jó)

   b) A forma hebraica de Gênesis é: "*Bara*", princípio

   c) Sua autoria é atribuída tradicionalmente a Moisés

   d) Somente Gênesis explica a origem das doze tribos de Israel

2. A História do livro de Gênesis abrange:
   a) Um período de 3720 anos
   b) Um período de 237 anos
   c) Um período de 372 anos
   d) Um período de 2370 anos

2. Quanto à criação do homem, é errado afirmar que:
   a) Sua formação é totalmente distinta dos animais: formou-se do pó, os animais não
   b) Somente o homem recebeu o sopro de Deus, portanto tem um espírito imortal
   c) É um ser moral, não obrigado a obedecer a seus instintos
   d) É um ser racional, com capacidade para pensar no abstrato e formar idéias

■ Marque “C” para Certo e “E” para Errado

3. O cap. 3 de Gênesis relata como o pecado entrou no mundo e como tem produzido consequências trágicas e universais
4. O propósito do dilúvio era tanto destrutivo como construtivo

A Dispersão das Nações

- ***A torre de Babel (Gn 11.1-9).***

A idéia era concentrar, edificar grupos e cidades poderosas ao invés de obedecer à ordem divina de Génesis 9.1. O antigo espirito da rebeldia, da adoração ao homem, e da soberba humana, dominava mais uma vez.

A data desta dispersão é irrecuperável. Os cálculos de Usher dependem de premissas falsas. Não há dúvida de existir abreviações nas genealogias de Gênesis 5 a 11. Muitas genealogias demonstram este costume de omissão.

A cidade de Babel foi edificada na planície que se encontra entre os rios Tigre e Eufrates. Por que desagradou a Deus a construção da torre de Babel? Os homens passaram por alto o mandamento de que deviam espalhar-se e encher a terra (Gn 9.1 e 11.4).

Foram motivados pela intenção de exaltação pessoal ("façamo-nos um nome" - disseram) e de culto ao poder que posteriormente caracterizou a Babilônia. Excluíram a Deus de seus planos, ao glorificar seu próprio nome, esqueciam-se do nome de Deus, nome por excelência: o Senhor.

Deus desbaratou[1] seus planos não só para frustrar-lhes o orgulho e independência, mas também para espalhá-los, a fim de que povoassem a terra. Com escárnio se chama Babel (confusão), a cidade originalmente queria dizer "Porta de Deus". Por meio deste relato evidencia-se a insensatez de edificar sem Deus.

[1] **Arruinou.**

Historia Patriarcal (Gn 12 - 50)

O grande propósito de Deus ao escolher essas pessoas é formar um povo que realize a sua vontade na terra e seja um meio de cumprir o plano da salvação. O período patriarcal começa por volta do ano 2000 a.C. e dura mais ou menos três séculos.

- ***Abraão: o peregrino espiritual (Gn 12.1-25.18).***

As experiências espirituais de Abraão, e sua íntima comunhão com Deus, e a sua sempre crescente fé, fez dele o pai de todos os que crêem, de todos que andam nas pisadas daquela mesma fé (Rm 4.10,11).

- ✓ Filiação: Era filho de Terá e neto de Naor, um descendente de Sete (Gn 11.26,27).
- ✓ Naturalidade: Sua cidade natal foi Ur dos Caldeus (hebraico *Ur Kasdim)* cujo nome tem significado de "estabelecimento" (Gn 11.28,31). Ur foi uma cidade antiga do reino sumeriano, na margem ocidental do rio Eufrates. Era a capital da Suméria. Nos dias de Abraão, era uma cidade comercial, com padrões culturais incomumente desenvolvidos.
- ✓ Religião: O culto predominante em Ur era politeísta (Js 24.2). Até o pai de Abraão era fabricante de deuses. A formação religiosa de Abraão foi influenciada pelo pai Terá. Mesmo na parafernália[1], idolatria e impureza de Ur, o Senhor pôde se revelar a Abraão e chamá-lo para construir uma descomunal[2] nação (At 7.1-4).

[1] **Pertences, acessórios; tralha.**

[2] **Fora do comum; colossal, extraordinário; escomunal.**

- ✓ Padrão econômico: Foi bíblicamente destacado como: *rico em gado, em prata, e em ouro*" (Gn 13.2). Quando Abraão emigrou de Ur, já possuía grande fortuna. Suas riquezas foram acrescidas em Harã e na terra do Egito (Gn 12.5; 12.16; 24.1).
- ✓ A chamada de Abraão: Não sabemos a maneira que o Senhor empregou para se revelar a Abraão, se através de uma voz audível, ou uma impressão à mente, ou uma visão sobrenatural. O imprescindível é que o patriarca entendeu a ordem, conhecia de onde ela procedia e não titubeou em obedece-la a ela (At 9.5; 1Sm 3.8).

=>*Uma ordem* (Gn 12.1). Tinha de sair do lugar onde podia contar com o apoio humano.

=>*Uma promessa* (Gn 12.2,3). Deus prometeu bênção para Abraão, para sua família, para a nação, e para toda a raça humana. Este é o pacto que Deus fez com Abraão, e tem sido cumprido até hoje.

=>*A obediência* (Gn 12.4-6). A chave da vida de Abraão é a sua fé, sua confiança firme em Deus, pelo que foi chamado "o amigo de Deus" (Tg 2.23).
Na verdade, Abraão saiu sem saber para onde ia (Hb 11.8), mas sabia em quem tinha crido.

=>*A confirmação da promessa* (Gn 12.7-9). A ordem foi: "Sai... para a terra que Eu te mostrarei", Abraão tendo obedecido recebeu a confirmação da promessa. Nestes versículos Abraão demonstra sua vida de obediência ao Senhor; "invocou o nome do Senhor", demonstrou viver na dependência do Senhor.

=>*A promessa de uma posteridade* (Gn 12.1-4). Deus havia prometido abençoar Abraão. Ele conseguiu grandes vitórias contra vários reis (cap. 14). Em

Hebreus 7.1 diz que quando Melquisedeque o encontrou, ele vinha da matança dos reis. Poderia estar temeroso de que voltassem com forças maiores. Foi quando o Senhor lhe disse: "*Não temas, Abraão, eu sou o teu escudo...".* Abraão ponderou que não tinha herdeiro a quem deixar a sua riqueza, mas o Senhor declarou: "o *teu herdeiro será aquele que de tuas entranhas sair".*

A fé e a justificação (Gn 12.5,6). O apóstolo Paulo baseado nestes versículos mostra que Abraão foi justificado pela fé (Rm 4.1-5). Em Romanos 4.18- 22 lemos: "O *qual, em esperança, creu contra a esperança, que seria feito pai de muitas nações... e não enfraqueceu na fé... e não duvidou da promessa de Deus por incredulidade... estando certíssimo de que era poderoso para o fazer".*

Eventos e experiências salientes de sua vida.

Evento/Experiência:	Referência:
O chamado divino	Gn 12.1
O pacto divino	Gn 2-3; 17.1-6
A demora divina	Gn 12.4; 21.5
O grande erro	Gn 16.3
Sua grande intercessão	Gn 18.23-32
O cumprimento de suas esperanças	Gn 21.1-5
A difícil prova	Gn 22.1-2
Sua fé e obediência extraordinária	Gn 22.3-10
Sua maior necessidade é suprida	Gn 22.11-13

- ***Isaque: o filho da promessa (Gn 21).***

Seu nome significa riso. Seu nascimento trouxe riso à casa de Abraão (Gn 17.17). Ele era filho da promessa e herdaria a promessa feita a seu Pai Abraão (Gn 26.24).

No relato bíblico, Isaque parece "apagado", quando comparado a Abraão ou a Jacó. Sua mulher veio da família de seu pai em Harã. A descrição da escolha de Rebeca é uma das mais belas de toda a Bíblia (Gn 24.1-67).

=>*O sacrifício de Isaque (cap. 22).*

O pedido do Senhor de que Abraão oferecesse a Isaque como sacrifício foi a prova suprema da fé do patriarca. Horton observa que lhe era difícil, porque:

- ✓ A alma de Abraão se desfazia ante o conflito de seu amor paternal e a obediência a Deus.
- ✓ Parecia-lhe estranho porque Abraão já sabia que não agradava a Deus o conceito pagão de ganhar o favor dos deuses sacrificando seres humanos.
- ✓ Deus não lhe deu razão alguma que apoiasse seu pedido como havia feito quando animou Abraão a expulsar a Ismael.
- ✓ O pedido era contrário a promessa de que somente por Isaque se formaria a nação escolhida.

Diz MacLaren: "*Parece que Deus estava contra Deus, fé contra fé e promessa contra ordem".*

O propósito da prova era aumentar a fé que Abraão tinha, dar-lhes oportunidade de alcançar uma vitória maior e receber uma revelação mais profunda ainda de Deus e de seu plano. Deus não tentou a Abraão como algumas versões da Bíblia traduzem Gênesis 22.1.

A tentação é do diabo e tem o propósito de conduzir o homem ao pecado (Tg 1.12-15). Ao contrário, Deus prova o homem para dar-lhe a oportunidade de demonstrar sua obediência e crescer espiritualmente. Antes de expor Abraão à prova final, havia-o submetido a uma longa preparação.

Embora Abraão não tenha entendido o motivo da ordem de Deus, obedeceu imediatamente. Parece que enquanto caminhava para o monte Moriá meditava sobre o conflito entre a ordem de sacrificar Isaque e as promessas de perpetuar a aliança por meio dele. Teria pensado que a solução era crer que mesmo quando atravessasse com o cutelo o coração de Isaque e acendesse o fogo para que o corpo de seu filho fosse reduzido a cinzas, Deus ressuscitaria a Isaque do montão de cinzas. Por isso, ao deixar seus criados, disse-lhes que tornariam a eles (Hb 11.19).

Crer no poder divino para ressuscitar os mortos foi o auge de sua fé. Tal tipo de fé é indispensável ao crente para alcançar a salvação (Rm 10.9,10).

- ***Jacó: enganador transformado (Gn 25.29; 28.10-22).***

Seu nome significa - suplantador (hebraico). Nenhum outro personagem da Bíblia representa mais claramente que Jacó, o conflito entre os baixos e altos da natureza humana.

Começando numa descendente, às vezes alcançava grandes alturas, porém outras vezes afundava-se na sórdida luta pela ganância. Mas alcançava por fim o nível da fé triunfante.

Nenhum leitor fervoroso, que estuda a história do curso da vida destehomem pode duvidar que,apesar de todas as suasdebilidades, foi um instrumento escolhido por Deus.

* Ao nascer, suplantou o seu irmão (Gn 25.26);
* Recusou dar comida ao seu irmão (Gn 25.31);
* Enganou seu pai (Gn 27.12);
* Roubou seu irmão (27.35);
* Fez negócio com seu próprio Deus (Gn 28.20);
* Enganou seu tio (Gn 30.37-42);

[x] Colocou os outros em perigo, ficando ele atrás em lugar de segurança (Gn 32.23-24); e

* Resistiu ao anjo de Deus (Gn 32.24).

Entretanto, o sucesso da vida de Jacó foi nunca deixar de reconhecer a Deus em tudo, alguma vez por temor, ou para ganhar vantagem, ou também em momentos de verdadeiro entusiasmo. Ao contrário, seu irmão Esaú, embora tenha tido atitudes nobres para com o pai e com o irmão, sempre considerou em segundo plano as bênçãos de Deus, e quando quis recuperar o perdido era tarde demais (Hb 12.17).

Para Deus, Jacó foi um filho que deu muito trabalho, porém sempre voltava ao Pai, Deus amava a Jacó. O voto feito por Jacó revela muito bem o seu caráter natural, em resposta a mais maravilhosa manifestação da graça de Deus para com ele (Gn 28.13-15).

Depois de uma promessa tão clara do Senhor ele começa com um "Se..." (Gn 28.20). Mas notemos como ele se prendeu ao Senhor: *"for comigo... me der pão e vestidos... e eu em paz tornar... o Senhor será o meu Deus".* Mas a graça de Deus é infinita, e Deus perdoa a mesquinhez de nosso coração.

De maneira que de cada dez que Deus lhe desse, ele prometeu devolver um, guardando nove para si!

Resumo do seu caráter:

Astuto (Gn 25.31-33); *o*
Enganador (Gn 27.18-29);
Colheu o resultado do seu próprio pecado (Gn 27.42-43);
Tornou-se religioso (Gn 28.10,20,21);
Afetuoso (Gn 29.18);
Trabalhador (Gn 31.40);

Habituado a Oração (Gn 32.9-12; 24.30);
Disciplinado pela aflição (Gn 37.28; 42.36);
Homem de fé (Hb 11.21);
Perseverante (Gn 32);

- ***A familia de Jacó.***

Teve duas esposas e duas concubinas; as quais, com exceção de uma, não quis, sendo obrigado a aceitá-la sob circunstâncias infelizes. Delas nasceram- lhe 12 filhos:

- De Lia: Rubem, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zebulom.
- De Raquel: José e Benjamim.
- De Zilpa, serva de Lia: Gade e Aser.
- De Bila, serva de Raquel: Dã e Naftali.

Esta família polígama, com *muitos* fatos vergonhosos contra si, foi aceita por Deus como um todo, para dar início às doze tribos, que se tornariam à nação messiânica, escolhida por Deus para trazer ao mundo o Salvador. Isto mostra:

- ✓ Que Deus usa os seres humanos assim como são, para servirem aos Seus propósitos, e, por assim dizer, faz o melhor que pode com o material com que tem de operar.
- ✓ Não há indicação de que todos quantos Deus usa serão salvos eternamente. Alguém pode ser útil aos planos divinos, neste mundo, todavia não ter qualificações para o mundo eterno, no dia em que Deus julgar os homens para lhes determinar o destino de maneira final (Rm 2.12-16).
- ✓ Temos nisso um testemunho da veracidade dos escritos da Bíblia. Nenhum outro livro no mundo narra fraquezas dos seus heróis com tanta sinceridade, e fatos que são tão contrários aos ideais que deseja promover.

- ***José: sonhos convertem-se em realidade (Gn 37-50).***

Seu nome significa "Ele (Jeová) acrescenta" (hebraico). *"E disse Faraó a seus servos: Acharíamos um varão como este, em quem haja o Espírito de Deus?"* (Gn 41.38).

José é um dos mais atraentes personagens da Bíblia. Ross observa que era um "idealista prático", que no início de sua vida teve sonhos que o animaram e guiaram pelo resto de sua existência. Ele manifestou, talvez, o caráter mais cristão de todas as pessoas descritas no AT.

Nota-se a importância de José no fato de que a ele é dedicado quase tanto espaço no Gênesis quanto a Abraão. José é importante porque foi o elo entre a vida nômade dos hebreus em Canaã e sua vida sedentária no Egito.

José desposou uma filha do sacerdote de Om; e, apesar de ter uma esposa pagã, de governar um país pagão e de residir num centro de vil idolatria, manteve a fé, no Deus que desde a infância recebera de seus pais, Abraão, Isaque e Jacó.

E uma história importante na execução dos planos de Deus e no cumprimento de Suas promessas. Atos 7.9 revela que foi por inveja que os irmãos venderam José, em Romanos 8.28 diz que todas as coisas contribuem para o bem dos que amam a Deus.

O que sucedeu a José redundou em bênção para ele e para o povo escolhido de Deus. Quando sucederam os fatos narrados no capítulo 37 José tinha provavelmente 17 anos. Três razões que levaram os irmãos de José a procederem como o fizeram: *o José* contava a Jacó as más palavras e o mau procedimento deles. Não era delação (denúncia, revelação, manifestação);

o A razão porque ele dispunha da preferencia paterna, encontra-se no fato de ser ele filho de Raquel.

o Por causa dos sonhos que revelavam a posição de destaque que José teria na familia.

➢ ***José e seus irmãos.***

Este é o grande e clássico trecho bíblico sobre perdão e reconciliação. Notemos o seguinte:

- Não pode haver perdão sem arrependimento.
- Pode ser preciso tempo para conseguir um arrependimento completo.
- A presença de pessoas antipáticas pode embaraçar a reconciliação (Gn 45.1).
- O momento próprio para a reconciliação deve ser discernido por um método de orar, meditar, observar e agir.
- A emoção nem sempre pode (ou deve) ser reprimida.
- Manifestação de amor fraternal nem sempre vence imediatamente a desconfiança. Note a palavra "depois" em Gênesis 45.15.
- De grandes males podem resultar maiores bens (Gn 45.5).
- A mensagem ao Pai (Gn 45.9) não se referiu ao pecado dos irmãos. O mal passara: o proveito era atual.

Podemos resumir o caráter de José assim:

- Era senhor de si mesmo, capaz (devido à energia de sua vida espiritual) de subjugar seus apetites e paixões.
- Era homem de fé, e, por isso, na provação da cadeia, estava sereno e confiado em Deus, sendo, apesar dos sofrimentos (SI 105.18), capaz de se ocupar com os outros.
- Era sábio administrador, e competente para aconselhar o rei (Faraó).

Questionário

■ Assinale com “X” as alternativas corretas

5. A cidade de Babel foi edificada na planície que se encontra entre os rios:
   a) Nilo e Eufrates
   b) Tigre e Eufrates
   c) Nilo e Jordão
   d) Tigre e Nilo

6. E incorreto dizer que:
   a) O período patriarcal começa por volta do ano 2000 a.C. e dura mais ou menos três séculos
   b) Abraão era filho de Terá e neto de Naor, um descendente de Sete
   c) Abraão era natural de Ur dos Caldeus
   d) O culto predominante em Ur era monoteísta, somente adoravam ao Deus de Noé

8. Quanto aos nomes dos patriarcas, aponte para alternativa correta:
   a) Abraão: “Ele (Jeová) acrescenta”
   b) Isaque: “pai exaltado”
   c) Jacó: “suplantador”
   d) José: “riso”

■ Marque “C” para Certo e “E” para Errado

9. Jacó, embora tenha tido atitudes nobres para com o pai e com o irmão, sempre considerou em segundo plano as bênçãos de Deus

10. José era o “filho querido” de Jacó, pelo fato de ser ele filho de Lia

Lição 2

Êxodo

Êxodo

Autor: Tradicionalmente Moisés.
Data: Cerca de 1445-1405 a.C.
Tema: A Redenção.
Palavras-Chave: Libertar, Sacrifício, Sinal, Tabernáculo, Santuário.
Versículo-chave: Êx 3.8.

Êxodo dá continuidade à narrativa iniciada em Gênesis. O título do livro, deriva da palavra grega "*éxodos*" (título empregado na Septuaginta, a tradução do Antigo Testamento em grego), que significa "saída" ou "partida". Refere-se à poderosa libertação de Israel, efetuada por Deus, tirando-o da escravidão do Egito, e à sua partida daquela terra, como povo de Deus.

Dois pontos relacionados com o livro de Êxodo têm causado muita controvérsia: a data do êxodo de Israel ao sair do Egito e a autoria do dito livro.

Êxodo foi escrito para que tivéssemos um registro permanente dos atos históricos e redentores de Deus, pelos quais Israel foi liberto do Egito e organizado como a sua nação escolhida. Pelos mesmos atos divinos, Israel também recebeu a revelação escrita, do concerto entre Deus e aquela nação. Também foi escrito como um elo extremamente importante da auto- revelação geral e progressiva de Deus, que culminou na pessoa de Jesus Cristo e no NT.

Cinco Características Distinguem Êxodo

1 As circunstancias históricas do nascimento de Israel como nação.

2 O Decálogo, isto é, os dez mandamentos (cap. 20), que é a suma feita por Deus da sua lei moral e das suas justas exigencias para o seu povo. Nela, temos o fundamento da ética e da moralidade bíblicas.

3 É o livro do AT que mais destaca a graça redentora e o poder de Deus em ação. Em termos do AT, Êxodo descreve o caráter sobrenatural da libertação que Deus efetuou do seu povo, livrando-o do perigo e da escravidão do pecado, de Satanás e do mundo.

4 O livro inteiro está repleto da revelação majestosa de Deus, como:

- ✓ Glorioso nos seus atributos (veraz[1], misericordioso, fiel, santo e onipotente);
- ✓ Senhor da historia e dos reis poderosos;
- ✓ Redentor que faz um concerto com os seus redimidos;
- ✓ Justo e reto, assim revelado na sua lei moral e nos seus juízos; e
- ✓ Digno da adoração reverente, como o Deus transcendente que desee para "tabernacular" com o seu povo, isto é, habitar com o seu povo (Jo 1.14 no grego).

5 Éxodo enfatiza o "como?", "o qué?" e o "por qué?" do verdadeiro culto que deve seguir-se à redenção que Deus efetua dos seus.

[1] **Que diz a verdade; que fala a verdade.**

O Autor

* Há também discordancia entre os eruditos bíblicos conservadores e liberais, no tocante à autoria mosaica do livro de Êxodo.

Intérpretes modernos geralmente consideram o livro como uma obra conjunta, preparada por vários *es*critores e completada num período da historia de Israel muito posterior aos tempos de Moisés (a chamada teoría J.E.D.P.).

Por outro lado, a tradição judaica desde os tempos de Josué (Js 8.31-35), bem como o testemunho de Jesus (Me 12.26), do cristianismo primitivo, e da erudição conservado contemporáneo, todos atribuem a Moisés a origem do livro. Além disso, a evidência interna do livro apóia a autoria de Moisés.

Pormenores numerosos em Êxodo indicam que o autor foi testemunha ocular dos eventos registrados no livro (Êx 2.12; 9.31,32; 15.27). Além disso, trechos do próprio livro dão testemunho da *à* participação direta de Moisés na sua escrita (Éx 17.14;24.4;34.27).

- **J.E.D.P.(S.).**

Essas letras são abreviações das alegadas quatro fontes do Pentateuco (ou Hexateuco). Segundo alguns estudiosos, essas quatro fontes teriam sido entretecidas para formar aqueles documentos sagrados. Isso equivale a dizer que Moisés não foi o autor desses livros, embora algumas de suas idéias e instituições tivessem sido incorporadas aos mesmos.

A teoria dá a esses livros datas muito distantes e posteriores dos dias de Moisés, querendo levar-nos a crer que tradições, tanto orais quanto escritas (mas principalmente orais) teriam sido coligidas bem mais tarde, através de um ou mais

editores, - formando assim livros como Gênesis, Êxodo, Levítico, etc.

=>**J.** Esse símbolo é usado para indicar um dos componentes dos livros em questão, além de porções de I e II Samuel. Significa Jeová (isto é, *Yahweh).*

=>**E.** Essa letra é usada para simbolizar outra das fontes formadoras do Pentateuco (ou Hexateuco). Significa *Elohin.*

=>**D.** Essa letra é usada para simbolizar outra suposta fonte do Pentateuco (ou Hexateuco), além de material incorporado em I e II Reis e Jeremias, além de outros livros do AT, talvez. Esse símbolo indica o autor ou autores do livro de Deuteronômio, além de uma escola de historiadores que teria agido como editores, após a publicação do livro de Deuteronômio.

=>**P.(S). P** "*priestly*" em inglês corresponde a S, "sacerdotal" em português.

Data

Duas datas diferentes para o êxodo são propostas pelos eruditos.

Uma "data recuada" (também chamada a data bíblica), derivada de 1Reis 6.1, onde está dito que o êxodo ocorreu 480 anos antes do quarto ano do reinado de Salomão. Esta declaração estabelece a data do êxodo em 1445 a.C.

Por outro lado, em Juizes 11.26, Jefté (cerca de 1100 a.C.) afirma que Israel ocupara sua própria terra já há 300 anos, o que permite datar a conquista de Canaã, assim a conquista fica datada em aproximadamente 1400 a.C.

Essa cronologia do êxodo, a da conquista de Canaã e a do período dos juízes encaixam-se bem nos eventos datáveis da história dos três primeiros reis de Israel (Saul, Davi e Salomão).

Os críticos liberais da Bíblia propõem uma "data posterior" para o êxodo, em cerca de 1290 a.C., com base em suposições a respeito dos governantes: egípcios, bem como uma data arqueológica do século í XIII a.C. sobre a destruição de cidades cananéias durante a conquista de Canaã.

A Libertação (Êx 1 - 15.21)

- ***"Servidão no Egito (Êx 1).***

Transcorreram aproximadamente trezentos anos desde a morte de José. Os setentas hebreus que se haviam radicado no fértil delta do rio Nilo multiplicaram-se em centenas de milhares. Mas o povo israelita, outrora objeto do favor de Faraó, é agora escravo temido e odiado do rei egípcio.

A situação política mudou radicalmente no Egito. Os Hicsos, povo que havia ocupado o país durante quase dois séculos, foram expulsos, e o Alto Egito e o Baixo Egito voltaram a unificar-se.

O Egito chegou ao apogeu de seu poderio militar e se inicia um grande programa de construção de cidades de depósito. Uma nova família de faraós assenta-se no trono egípcio e os serviços que José 'prestou ao Egito constituem apenas uma modesta lembrança do regime odiado que desapareceu.

Não há gratidão para com os hebreus nos corações egípcios. Vêem com alarma o assombroso e sobrenatural crescimento da população israelita.

Converter-se-ia Gósen em uma via de entrada para conquistadores estrangeiros? Aliar-se-iam

os israelitas e invasores para derrotar os egipcios? Por outro lado, Faraó não quer que os hebreus se retirem.

Com dureza os obrigará a servir como escravos e desse modo os diminuirá em número; ao mesmo tempo se valera deles para realizar a construção de obras públicas. Faraó organiza os hebreus em grupos sob capatazes para tirar barro e fazer tijolos, construir edificios, canais e preparar fossos para irrigação.

Por que o Senhor permitiu que seu povo fosse tão cruelmente oprimido? Queria que nascesse neles o desejo de sair do Egito.

E provável que os israelitas estivessem tão contentes em Gósen que se houvessem esquecido do concerto abraâmico pelo qual Deus lhes havia prometido a terra de Canaã. Além disso, alguns dos israelitas, apesar de viverem em Gósen separados dos egípcios, começaram a praticar a idolatria (Js 24.14; Ez 20.7,8). Tão grande foi sua decadência espiritual que o Egito se converteu em símbolo do mundo e os israelitas chegaram a representar o homem não regenerado. Era preciso algo drástico para sacudi-los a fim de que desejassem retornar a terra prometida.

Não obstante, Deus frustra o plano de Faraó. Ele tenta, inutilmente, impedir a realização da promessa divina de numerosa descendência, submetendo os israelitas a trabalhos forçados (Êx 11-
14) , depois ordenando o extermínio dos meninos (Êx 16-22).

Quanto mais os egípcios oprimem aos hebreus, tanto mais se multiplicam e crescem. A prodigiosa multiplicação dos descendentes de Jacó no Egito é uma confirmação clara da promessa feita aos patriarcas (Gn 28,3; 47.27), que se cumpre.

A tentativa de exterminar os hebreus matando os recém-nascidos do sexo masculino faz-nos

lembrar a matança dos meninos em Belém (Mt 2.16- 18). Foi intento de Satanás frustrar o plano de Deus de proporcionar um libertador.

Os egípcios pouparam a vida das meninas pensando que elas se casariam com egípcios e assim perderiam sua identidade racial. A situação dos israelitas tornou-se grave. Para sobreviver como raça necessitavam de um libertador.

O Conflito com Faraó (Êx 5 - 1 1)

- ***A dureza de Faraó.***

Com intrepidez Moisés e Arão se apresentaram na sala de audiência de Faraó e lhe comunicaram a exigência do Senhor. Por que Deus exigiu de Faraó somente a permissão de que seu povo fosse ao deserto para celebrar festa por três dias, quando pensava em efetuar sua saída permanentemente? Deus provou ao rei com uma petição pequena, sabendo com antecedência a dureza de seu coração.

Faraó respondeu com arrogância: *"Quem é o Senhor, cuja voz eu ouvirei?".*Os faraós eram vistos como filhos de Rá, o deus solar do Egito, de maneira que Faraó se considerava a si mesmo um deus. Não tardou em comunicar a Moisés e a Arão que nem eles nem Deus lhe inspiravam respeito algum. Escarneceu deles dizendo que a única razão pela qual desejavam celebrar a festa era estar demasiado ociosos, e tornou
mais pesado o trabalho dos hebreus negando-lhes a palha necessária para produzir tijolos.

- ***"As pragas (Êx 7.8 - 11.10).***

Uma das palavras hebraicas que se traduzem por "praga" no Êxodo significa dar golpes ou ferir. Outras duas palavras descrevem as pragas como

"sinais" e "juízos". De modo que as pragas foram tanto sinais divinos pelos quais Deus julgou os egípcios e libertou a seu povo.

As pragas foram a resposta de Deus à pergunta de Faraó: *"Quem é o Senhor, cuja voz eu ouvirei?* (Êx 7.17). Cada praga foi, por outro lado, um desafio aos deuses egípcios e uma consulta à idolatria. Os egípcios prestavam culto às forças da natureza tais como o rio Nilo, o sol, a lua, a terra, o touro e muitos outros animais. Agora as divindades egípcias ficaram em evidente demonstração de sua impotência perante o Senhor, não podendo proteger aos egípcios nem intervir a favor de ninguém.

Israel Sai do Egito (Êx 12.1-15.21)

- ***A páscoa.***

Festa em que os israelitas comemoram a libertação dos seus antepassados da escravidão no Egito (Êx 12.1-20). Comemora-se no dia 14 de *Nisã* o primeiro dos meses do ano (março e abril em nosso calendário). Em hebraico o nome dessa festa é *Pessach.*

A Festa dos Pães Asmos era um prolongamento da Páscoa (Dt 16.1-8). O cap. 12 descreve a Festa da Páscoa (Êx 12.1-14; 21-28) e a Festa dos Pães Asmos (Êx 12.15-20).

Essas festas sagradas tinham por base os eventos históricos da primeira Páscoa, por ocasião do êxodo (caps. 12-14). Pelo fato de a Páscoa assinalar um novo começo para Israel, *Nisã* tornou-se o primeiro dos meses de um ano novo para a nação.

O propósito, aqui, foi relembrar ao povo que sua própria existência como povo de Deus resultou do seu livramento do Egito, mediante os poderosos atos redentores de Deus.

- ***Contexto histórico.***

Desde que Israel partiu do Egito em cerca de 1445 a.C., o povo hebreu (posteriormente chamado "judeus") celebra a Páscoa todos os anos, na primavera (em data aproximada da sexta-feira santa).

'Assim, pois, o comereis: Os vossos lombos cingidos, os vossos sapatos nos pés, e o vosso cajado na mão; e o comereis apressadamente; esta é a páscoa do Senhor" (Êx 12.11).

- ***Endurecimento do coração de Faraó.***

As imitações dos primeiros milagres de Arão e Moisés por parte dos feiticeiros desacreditaram o poder do Senhor aos olhos de Faraó. Mas a vara de Arão devorou as dos feiticeiros e isto constituiu indício da vitória final. O apóstolo Paulo usa este fato para ilustrar o florescimento do poder oculto nos últimos dias (2Tm 3.8).

Faraó destaca-se por sua teimosia ao enfrentar os juízos de Deus. Seu arrependimento foi Superficial, transitório e motivado apenas pelo medo e não pelo reconhecimento da necessidade que tinha de Deus. Embora se mantivesse obstinado[1] quebrando sua promessa toda vez que uma praga era suspensa, ia Cedendo mais e mais às exigências de Moisés.

Primeiro permitiu que os israelitas Oferecessem sacrifícios dentro dos limites do Egito (Êx 8.28); depois, fora do Egito, mas não muito longe (Êx 8.28); mais tarde no deserto, longe, porém com a Condição de que fossem somente os homens (Êx 10.11), **e** por fim permitiu que todos pudessem ir longe para sacrificar, mas deixando seu gado no Egito (Êx 10.24).

Teimoso, birrento, relutante.

O texto bíblico mostra claramente que o Senhor ia endurecer o coração de Faraó (Ex 4.21), mas é evidente que o coração do rei já estava obcecado[1] e cheio de orgulho quando Moisés se apresentou perante ele pela primeira vez (Ex 5.2).

As três palavras empregadas para indicar a atitude de Faraó (Êx 7.13-13.15) denotam a intensificação de um sentimento que já existia.

Deus endureceu o coração de Faraó pela primeira vez após a sexta praga (Ex 9.12). O Senhor fez de Faraó o que este quería ser: o opositor de Deus (ver Rm 1.21; 2Ts 2.10-12). Apesar de tudo, o endurecimento do coração de Faraó deu a Deus a oportunidade de manifestar seu poder cada vez mais até que causasse uma impressão profunda e duradoura não somente nos egípcios e israelitas, mas também nas nações distantes tais como os filisteus (1Sm 4.7,8; 6.6).

- ***A partida dos israelitas (Ex 12.29-51).***

Foi necessária a terrível praga da morte dos primogénitos para que Faraó voltasse à razão e permitisse que os israelitas se retirassem. Os egipcios receberam justa retribuição por haverem matado milhares de meninos do povo hebreu, por haverem oprimido cruelmente os escravos israelitas e pela obstinação cega de seu rei.

Faraó estava agora quebrado. Permitiu que os israelitas saíssem sem impor-lhes nenhuma condição. Mais ainda reconheceu ao Senhor, pedindo a Arão e a Moisés que o abençoassem.

Os egípcios entregaram suas jóias, ouro e prata aos hebreus, quando estes lhos pediram, pois sentiam que estavam sob sentença de morte. Rogaram- lhe que se retirassem rapidamente.

[1] **Que tem a inteligência obscurecida, contumaz no erro.**

Os longos anos de trabalho sem remuneração dos hebreus foram compensados em parte pelos tesouros que os egípcios lhes entregaram. Não era um engano o seu pedido, pois os egipcios sabiam que os hebreus jamais retornariam. Poucos meses depois os tesouros do Egito foram utilizados na construção do tabernáculo. Desta maneira partiram de conquistadores com seus despojos[1] e não como escravos que fugiam do cativeiro (ver Gn 15.14; Êx 3.21; 7.4;12.51).

Saíram do Egito uma multidão de seiscentos mil homens com suas familias. Nem todos eram israelitas, pois outras pessoas, provavelmente egipcias e seus súditos[2], se uniram a Israel, profundamente impressionados com o poder do Senhor demonstrado nas pragas sobre o Egito e na bênção dos hebreus. O fato de que se unissem à multidão israelita alguns estrangeiros suscitaram inconformidade ou, pelo menos, murmuração (Nm 11.4). Contudo, o antigo pacto não excluía os gentios.

- ***A saída.***

"*Guardai, pois a Festa dos Pães Asmos, porque naquele mesmo dia tirei vossos exércitos da terra do Egito; pelo que guardareis a este dia nas vossas gerações por estatuto perpétuo*" (Êx 12.17). Destacamentos (literalmente "exércitos").

Na tradição sacerdotal Israel é descrito como um exército bem organizado. Guiado pelo próprio Deus, o povo sai do Egito e dirige-se assim, por etapas, para a conquista de Canaã (Êx 6.26; 7.4; 12.41; Nm 1.3; 33.1).

[1] Aquilo que tomou do inimigo.

[2] Que esta submetida à vontade de outrem; sujeito; vassalo.

- ***"A travessia do mar Vermelho (Êx 13.17-15.21).***

Deus mesmo se constituiu guia de seu povo manifestando-se em uma coluna de nuvem e de fogo. Deus colocou as colunas de nuvem e de fogo como evidência da sua presença, do seu amor e do seu cuidado por Israel (Êx 40.38; Nm 9.15-23; 14.14; Dt 1.33; 1Co 10.1). A presença da nuvem e do fogo permaneceu entre eles até chegarem à terra prometida, quarenta anos mais tarde.

Por que Ele não conduziu Israel pela rota curta ao longo da linha costeira do mar Mediterráneo? Porque nessa rota havia fortes guarnições egípcias e na Palestina o esperavam os belicosos[1] filisteus.

Se os israelitas seguissem por ali, teriam de lutar imediatamente. Como escravos recém-libertos, os hebreus não estavam preparados para lutar nem para entrar na terra prometida. Necessitavam ser organizados e disciplinados na escola do deserto, receber o pacto da lei e o desenho do tabernáculo.

Além do mais, o Senhor os levou ao sul, para o mar Vermelho (conhecido também como o mar dos Juncos, separando os territorios egípcio e saudita, este mar tem uma largura que varia entre 200 e 100 quilometros) para levar Faraó à sua derrota final e desse modo destruir a ameaça egípcia e libertar para sempre os israelitas do Egito.

Deus colocou os hebreus em uma situação muito perigosa. Estavam encerrados por montanhas, pelo deserto e pelo mar, e de repente viram o exército egípcio que se aproximava deles; Deus quis revelar-se como o único guerreiro da batalha e protetor de seu povo dando-lhe um livramento inesquecível (Êx 14.4,18).

Ao verem os egípcios, os israelitas perderam

[1] **Que tem ânimo aguerrido; guerreiro.**

sua confiança e começaram a lançar culpa sobre Moisés, porém Moisés sabia a quem recorrer em busca de ajuda.

O fato do mar Vermelho se abrir foi milagroso. Embora o Senhor tenha usado seu servo e um forte vento como instrumento para abrir o mar, o poder era dele. Somente por um milagre pôde o vento ter soprado em duas direções ao mesmo tempo, amontoando a água a um lado e a outro do caminho aberto pelo leito do mar (Êx 14.22).

A coluna de nuvem converteu-se na retaguarda de Israel, de maneira que a própria coluna que foi uma bênção para os israelitas, constituiu-se em obstáculo para seus inimigos. Os israelitas atravessaram pelo leito seco e o exército inimigo foi afogado.

Um estudioso observa que a travessia do mar Vermelho foi para Israel a salvação, a redenção e o juízo de Deus, tudo em um mesmo ato. Por isso é semelhante ao batismo em água (1Co 10.1,2) como símbolo da separação do crente do mundo e o sepultamento de seus pecados. Os cadáveres dos egípcios na margem do mar representam a velha vida de servidão já passada para sempre.

Depois do espetacular livramento, os hebreus cantaram louvores ao Senhor pelo triunfo. A primeira parte do cântico de Moisés (Êx 15.1-12) trata da vitória sobre os egípcios, e a segunda parte (Êx 15.13-18) profetiza a conquista de Canaã. Foi composto para reconhecer a bondade e o inigualado poder do Senhor mediante os quais salvou a seu povo.

Questionário

■ Assinale com "X" as alternativas corretas

1. Quanto ao livro de Êxodo, é incerto afirmar que:

a) Seu título é derivado da palavra grega '*éxodos*" que significa "saída" ou "partida"

Contém o Decálogo, isto é, os dez mandamentos em seu capítulo 10

c) Mostra as circunstâncias históricas do nascimento de Israel como nação

d) A data do êxodo de Israel ao sair do Egito e a autoria do livro têm causado muita controvérsia

2. Festa em que os israelitas comemoram a libertação dos seus antepassados da escravidão no Egito

a) Yom Kipur
b) Tabernáculo
c) Páscoa
d) Pentecostes

3. Quebrantou o coração de Faraó, que permitiu que os israelitas saíssem sem impor-lhes nenhuma condição

a) A praga da morte dos primogênitos
b) A praga das rãs
c) A praga das águas em sangue
d) A praga dos gafanhotos

Marque "C" para Certo e "E" para Errado

4. O A evidência interna do livro de Êxodo não apóia

5. Os faraós eram vistos como filhos de Rá, o deus solar do Egito, de maneira que Faraó se considerava a si mesmo um deus

A Viagem Até o Sinai (Èx 15.22-18.27)

- ***Do Mar Vermelho ao Monte Sinai.***

O saneamento das águas em Mara (Êx 15.22- 25). Mara, no hebraico "*Marah*", significa "amargo". Depois de Israel ter andado cerca de 30 km da costa oriental do mar Vermelho, encontrou as águas amargas; em razão do solo ser abundante em soda, a água é salobra e amargosa. Naquela parte do deserto, onde ele estava, não havia águas nem relva.

Israel chegou a essas águas através do caminho indicado pelo Senhor (Êx 13.17,18; 15.22), mostrando assim que as experiências difíceis para o povo de Deus são educativas e não punitivas (Rm 5.3- 5). "Ali os provou" (Êx 15.25).

A falta de água potável era um teste para sua confiança em Deus de que Ele supriria as necessidades materiais. Submetido à prova, Israel reagiu murmurando. Toda provação é amarga e todos nós temos o nosso "Mara" (lPe 4.12,13). O lenho jogado nas águas serviu para saneá-las. Todo amargor desapareceu.

- ***A provisão de Maná no deserto de Sim (Êx 16.1-7).***

Os israelitas preferiam estar nos fornos de tijolos com o Faraó do que no deserto, gozando a graça de Deus. Ao sair de Elim, Israel acampou no deserto de "Sim", que significa "pântano". Ao enviar o maná, o Senhor quis ensinar duas lições:

1ª) Ordem física - matar a fome;

2ª) Ordem moral - provar sua obediência.

O Maná era considerado coisa fina e semelhante a escamas; fina como a geada; pequena

como o coentro e a cor como o bdélio[1] (Nm 11.7). O Maná era um tipo de Cristo, descido dos céus e alimento único para satisfazer a fome espiritual dos homens (Jo 6.31,32).

- ***A erupção de água da rocha em Refidim (Ex 17.1-7).***

O nome Refidim quer dizer "larguezas". Ali houve o ferimento da rocha e a erupção de águas saudáveis.

- ***pacto da lei.***

O pacto da lei não teve a intenção de ser meio de salvação. Foi celebrado com Israel depois de sua redenção alcançada mediante poder e sangue. Deus já havia restaurado Israel à justa relação com Ele, mediante a graça. Israel já era seu povo.

O Senhor desejava dar-lhe algo que o ajudasse a continuar sendo seu povo e a ter uma relação mais íntima com Ele. O motivo que levasse a cumprir a lei haveriade ser o por havê-los redimido e feito filhos seus. Deus prometeu três coisas condicionadas à obediência de Israel (Éx 19.5,6):

1) Israel seria sua "propriedade peculiar" ou possessão. Implica tanto um valor especial como uma relação íntima. O Senhor escolheu a Israel dentre todas as nações para seu povo especial e para ser como sua esposa.

2) Seria um "reino sacerdotal". Os israelitas teriam acesso a Deus e deveriam representar o Senhor, seu Rei, perante o mundo inteiro.

3) Seria "povo santo", diferente das nações pagãs que a rodeavam, uma nação separada para ser de Deus, a quem serviria e prestaria culto.

[1] **Goma-resina semelhante à mirra, extraída de varias árvores.**

As três promessas feitas à nação hebraica têm cumprimento cabal na Igreja (lPe 2.9,10).

Os israelitas prometeram solenemente cumprir toda a lei, mas não perceberam quão fraca é a natureza humana nem quão forte é a tendência para pecar. Embora a salvação de Israel fosse um dom de pura graça e não pudesse ser negociada pela obediência, podia, contudo, ser perdida pela desobediência. Em geral são propósitos da lei:

=>Proporcionar uma norma moral pela qual os redimidos possam demonstrar que são filhos de Deus e viver em justa relação com seu Criador e com o próximo.

=>Demonstrar que Deus é santo e Ele exige a santidade de toda a raça humana.

=>Mostrar à humanidade seu estado pecaminoso e fazê-la entender que somente mediante a graça pode ser salva (G1 3.24,25).

A lei era um mestre para ensinar a Israel através dos séculos e ajudá-lo a permanecer em contato com Deus (G1 3.24). Mas junto com a lei foi instituído um sistema de sacrifícios e cerimônias para que o pecado fosse retirado. Assim se ensinou que a salvação é pela graça.

Os profetas posteriores demonstraram que sem fé e amor as formas, cerimônias e sacrifícios da lei de nada valiam (Mq 6.6-8; Am 5.21,24; Os 6.6; Is 1.11- 15). Conquanto a lei não seja um meio para se alcançar à salvação, tem vigência como norma de conduta para os crentes.

Os dez mandamentos, com exceção do quarto se repetem uma e outra vez no NT.

- ***Preparativos e sinais (Êx 19.9-25).***

Para gravar na mente hebraica a importância do pacto da lei. Deus se apresentou em forma de nuvem, figura que Israel não poderia reproduzir, e pronunciou o Decálogo em voz troante[1].

A santidade infinita de Deus foi ressaltada pelos preparativos que Israel devia fazer.

=>*Primeiro*: os israelitas tinham de santificar-se lavando suas vestes e praticando a continência.

=>*Segundo:* Moisés devia marcar ao povo um limite em torno do monte Sinai para que os israelitas não o tocassem. Assim se acentuaram a grandeza inacessível de Deus e sua sublime majestade.

- ***Decálogo (Êx 20.1-26).***

Os dez mandamentos, aqui registrados (Dt 5.6-21), foram escritos pelo próprio Deus em duas tábuas de pedra e entregues a Moisés e ao povo de Israel (Êx 31.18; 32.16; Dt 4.13; 10.4). A guarda dos mandamentos proveu um meio de Israel procurar viver emretidão diante deDeus, agradecido livramento do Egito; ao mesmo tempo, tal obediência era um requisito para os israelitas habitarem sempre na terra prometida (Dt 41.14).

Os dez mandamentos são o resumo da lei moral de Deus para Israel, e descrevem as obrigações para com Deus e o próximo. Cristo e os apóstolos afirmam que, como expressões autênticas da santa vontade de Deus, eles permanecem obrigatórios para o crente do NT (Mt 22.37-39; Mc 12.28-34; Lc 10.27; Rm 13.9; G1 5.14; Lv 19.18; Dt 6.5; 10.12; 30.6).

[1] **Bradar, clamar, trovejar.**

Conforme esses trechos do NT, os dez mandamentos resumem-se no amor a Deus e ao próximo; guardá-los não é apenas uma questão de práticas externas, mas também requer uma atitude do coração (ver Dt 6.5). Logo, a lei demanda uma justiça espiritual interior que se expressa em retidão exterior e em santidade.

O Tabernáculo

No capítulo 25, Deus mesmo dá suas instruções a respeito do Tabernáculo. O significado histórico, espiritual e tipológico do Tabernáculo deve apoiar-se no que a Biblia diz a respeito.

=>O Tabernáculo era um "santuário" (Êx 25.8), um lugar separado para o Senhor habitar entre o seu povo e encontrar-se com os seus (Éx 25.22; 29.45,46; Nm 5.3; Ez 43.7,9);

=>A gloria do Senhor estava sobre o Tabernáculo de dia e de noite. Quando a gloria do Senhor seguia adiante, Israel tinha que avançar junto. Deus guiou os israelitas dessa maneira enquanto estiveram no deserto (Êx 40.36-38; Nm 9.15,16);

=>Era chamado o Tabernáculo do Testemunho (Êx 38.21), porque continha os dez mandamentos. Os dez mandamentos lembravam sempre ao povo, da santidade de Deus e das suas leis sobre o viver do seu povo escolhido;

=>O Tabernáculo era o lugar onde Deus concedia o perdão dos pecados mediante um sacrificio vicário[1] (Êx 29.10-14). Esses sacrificios tipificavam o perfeito sacrifício de Cristo na cruz pelos pecados da raça humana (Hb 8.1,2; 9.11-14);

[1] **Que faz às vezes de outrem ou de outra coisa.**

=>O Tabernáculo falava do céu, isto é, do Tabernáculo celestial onde Cristo, nosso sumo sacerdote eterno, vive eternamente para interceder por nós (Hb 9.11,12,24-28);

=>O Tabernáculo falava da redenção final quando, então, haverá um novo céu e uma nova terra, isto é, o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles (Ap 21.3).

- ***altar.***

Também chamado o altar dos holocaustos (Êx 30.28; 31.9; Lv 4.7,10,18), (mesa feita de madeira, terra ou pedras, sobre a qual se ofereciam os sacrifícios) (Êx 27.1; 20.24; Dt 27.5).

Os altares de madeira eram revestidos de algum metal e tinham pontas (chifres) nos quatro cantos (Lv 4.25). Fugitivos ficavam em segurança quando corriam e se agarravam a essas pontas (lRs 2.28). Era o lugar onde os animais eram imolados em sacrifício para fazer expiação (isto é, cobrir o pecado e alcançar o perdão de Deus); o sangue vicário do sacrifício era posto nas pontas do altar e derramado à sua base (Êx 29.12; Lv 4.7,18,25, 30,34).

Esse ato expiador salientava que o pecado é digno de morte, mas que Deus aceitava sangue inocente em lugar do culpado (Lv 16). As suas pontas eram projeções em cada um dos quatro cantos do altar, e simbolizavam o poder e a proteção através do sacrifício (lRs 1.50,51; 2.28; SI 18.2).

- ***Fazer arder às lâmpadas continuamente.***

A luz das lâmpadas simbolizava a presença contínua de Deus entre o povo. A congregação de Israel devia ter abundante luz, vida e presença de Deus.

Note que as lâmpadas não podiam continuar a arder sem a cooperação e a obediência do povo.

- ***A pia de bronze.***

Grande bacia, "*Farás uma bacia de bronze, com suporte de bronze, para as abluções*[1]*. Colocarás a bacia entre a tenda de reunião e o altar, e a encherás de água ".*

"Com ela Arão e os filhos lavarão as mãos e os pés. Ao entrarem na tenda de reunião eles deverão se lavar com esta água para não morrerem. Igualmente, ao se aproximarem do altar para as funções, e ao queimarem um sacrificio pelo fogo ao Senhor, deverá lavar mãos e pés para não morrerem. Este será um decreto perpétuo para Arão e sua descendência, por todas as gerações" (Ex 30.17-21).

- ***altar do incenso.***

Ficava no Santo Lugar (Ex 30.1-6). *"Farás também de madeira de acácia um altar para queimar incenso. Será quadrado, com 50 cm de comprimento por 50 de largura, e um metro de altura. As pontas ┌arão uma só peça com o altar".*

"Revestirás o altar de ouro puro na parte superior, em redor dos lados e nas pontas. Em volta do altar farás uma moldura de ouro. Farás duas argolas de ouro por baixo da moldura dos dois lados opostos; servirão aos varais para carregar o altar".

"Farás os varais de madeira de acácia, e os revestirás de ouro. Colocarás o altar diante do véu que oculta a arca da aliança, frente ao propiciatorio que está sobre a arca da aliança, lugar onde me encontro contigo".

[1] **Ato ou efeito de abluir (-se), lavagem.**

Seus Móveis

- ***Uma Arca.***

A arca era uma peça do Tabernáculo em formato de baú, contendo:

- ✓ Os dez mandamentos (Êx 25.16,22);
- ✓ Um vaso de maná (Êx 25.16.33,34); e
- ✓ A vara florescida de Arão (Nm 17.10; Hb 9.4).

Tinha por cobertura uma tampa chamada propiciatoria (Êx 25.21). Fixados em cada extremidade do propiciatorio e formando uma só peça com ele, havia dois querubins alados, de ouro batido (Êx 25.18).

A arca foi posta no Lugar Santíssimo do Tabernáculo (Êx 26.34) e representava o trono de Deus. Diante dela o sumo sacerdote se colocava, uma vez por ano, no Dia da Expiação, para aspergir sangue sobre o propiciatorio, como expiação pelos pecados involuntários do povo, cometidos durante o ano anterior.

O Testemunho eram duas tábuas de pedra, nas quais foram gravados os dez mandamentos ou Decálogo, que Moisés recebeu de Deus, no monte (Êx 31.18).

- ***Propiciatorio era a tampa da arca.***

Nela, o sumo sacerdote aspergía o sangue derramado do sacrifício, a fim de fazer expiação pelos pecados. Esse ato simbolizava a misericórdia de Deus, que levava ao perdão (Lv 16.14,15; 17.11; ver Rm 3.25). Assim, o propiciatorio e o sangue sobre ele prefiguravam o perdão divino, acessível aos pecadores através do sacrifício expiador de Cristo (Rm 3.21-25; Hb 7.26; 4.14-16).

- ***Dois Querubins de ouro.***

Ficavam em ambas as extremidades do propiciatorio e simbolizavam seres celestiais que assistem junto ao trono de Deus no céu (Hb 8.5; Ap 4.6,8).

Simbolizavam a presença de Deus e a sua soberania entre o seu povo na terra (1Sm 4.4; 2Sm 6.2; 2Rs 19.15). A presença deles sobre a arca testificava da verdade que Deus permaneceria entre o seu povo, Somente enquanto houvesse provisão expiatória pelo sangue e o povo se dispusesse a cumprir os mandamentos de Deus.

- ***A Mesa.***

O pão da proposição colocado sobre essa mesa representava a presença do Senhor como o sustentador de Israel na sua vida em geral (cf. Lv 24.5- 9; Is 63.9). Aponta para Cristo, o Pão da Vida (Êx 16.4; Mt 26.26-29; 1Co 10.16).

- ***Castiçal.***

Este era, na realidade, um candelabro que continha sete lâmpadas a óleo para alumiar o Tabernáculo. As lâmpadas acesas representavam a luz de Deus, a sua presença no meio do arraial (Jr 25.10; Ap 21.22-26).

Do Monte Sinai a Canaã

- ***A ira de Jeová em Tabera (Nm 11.1-3).***

Tabera (hebraico *tab'erah* - ardente). Essa localidade é mencionada apenas duas vezes na Bíblia. Depois de estar acampado um bom tempo no sopé do Monte Sinai, agora com a lei, chegam a Tabera. As manifestações divinas do Sinai não podem transformar

em nada os murmuradores. Em Tabera ocorreu o máximo de revolta do povo e da ira súbita do Senhor carbonizando grande parte da multidão.

Os lastimadores queriam carne quando tinham rebanhos em abundância. O Senhor satisfez o apetite físico, mas suas almas emagreceram (SI 106.15).

- ***Israel anda errante (Nm 14.33-34; 32.13; Dt 2.14).***

A incredulidade é a mãe de todos os demais pecados. A nossa incredulidade ata as mãos poderosas da onipotência divina. Incredulidade e murmuração são irmãs gêmeas. Foram elas que não permitiram a entrada da geração antiga em Canaã (Nm 14.30).

- ***A morte de Arão (Nm 20.22-29).***

Depois de Israel partir de Cades, acampou no sopé[1] do monte Hor bem na fronteira com Edom. No cume do referido monte, Arão foi recolhido pelo Senhor.

- ***Canaã é avistada das Campinas dos moabitas (Nm 33.49).***

Moisés, o líder descomunal foi chamado por Deus no cume do monte Nebo (Nm 33.47; Dt 34), e os heróis de Jeová acamparam-se nas Campinas dos moabitas. O que levou os israelitas a se alegrarem foi a antagonicidade da terra de Canaã em relação ao causticante deserto por onde peregrinaram.

[1] Base (de montanha); falda; A parte inferior da encosta.

[2] Oposto; contrário; Incompatibilidade.

Questionário

■ Assinale com “X” as alternativas corretas

6. No deserto de Sim:
   a) Um lenho foi jogado nas águas, que serviu para saneá-las. Todo amargor desapareceu
   b) Houve a provisão de maná
   c) Houve o ferimento da rocha e a erupção de águas saudáveis
   d) Houve a provisão de codornizes

7. É incoerente afirmar que:
   a) O pacto da lei teve a intenção exclusiva de ser meio de salvação
   b) Os israelitas prometeram solenemente cumprir toda a lei
   c) Um dos propósitos da lei: proporcionar uma norma moral
   d) Outro propósito da lei: demonstrar que Deus é santo

8. O propiciatorio era:
   a) Um caixa com os dez mandamentos
   b) O vaso que continha o maná
   c) Um suporte que guardava-se a vara de Arão
   d) A tampa da arca

■ Marque “C” para Certo e “E” para Errado

9. O Tabernáculo era o lugar onde Deus concedia o perdão dos pecados mediante um sacrifício vicário

10. A arca foi posta no Lugar Santo do Tabernáculo e representava a presença do Senhor como o sustentador de Israel na sua vida em geral

Lição 3

Levítico

Levítico	**Autor**: Tradicionalmente Moisés. **Data**: Cerca de 1445-1405 a. C. **Tema**: Santidade. **Palavra-Chave**: Santidade, Oferta Sacrifício **Versículo-chave**: Lv 20.26

Terceiro livro do Pentateuco e do AT, contém as leis e os mandamentos que Deus mandou Moisés dar ao povo de Israel, especialmente do culto, dos sacrifícios que o povo devia oferecer a Deus e dos deveres dos sacerdotes.

A lição principal do livro é que o Deus do povo de Israel é Santo. Portanto, esse povo que Deus escolheu precisava ser santo também, isto é, precisava ser completamente fiel a Ele, não seguindo os costumes pagãos dos povos vizinhos (Lv 11.45).

Neste livro encontra-se o mandamento que Jesus chamou o segundo mais importante de todos: *"Amarás o teu próximo como a ti mesmo*" (Lv 19.18).

Levítico está estreitamente ligado ao livro de. Êxodo. Êxodo registra como os israelitas foram libertos do Egito, receberam a lei de Deus, e construiu o Tabernáculo segundo o modelo determinado por Deus; termina quando o Santo vem habitar no Tabernáculo recém-construído (Êx 40.34).

Levítico contém as leis que Deus deu a Moisés durante os dois meses entre o término do Tabernáculo (Êx 40.17) e a partida de Israel do monte Sinai (Nm 10.11).

O título "Levítico" deriva, não da Bíblia hebraica, mas das versões em grego e latim. Esse título poderia levar alguém a julgar que o livro trata somente do sacerdócio levítico. O caso é diferente, pois boa parte do livro relaciona-se com todo o Israel. Este livro destaca a maneira de um povo redimido aproximar-se de Deus pela adoração, isto é, somente por meio de sangue.

Conteúdo e método de estudar: este estudo afastou-se mais uma vez do método "capítulo após capítulo" ao fazer sua exposição. Em seu lugar, desenvolveu temas na forma lógica e sistemática. O estudo de Levítico segue este método e não somente reúne material de várias partes do livro para desenvolver os temas, mas também emprega seções de Êxodo para completar o quadro de Levítico.

O Autor

Levítico é o terceiro livro de Moisés. Mais de cinqüenta vezes, o livro declara que seu conteúdo encerra as palavras e a revelação que Deus deu diretamente a Moisés para Israel, as quais, Moisés, a seguir, reduziu à forma escrita.

Jesus faz referência a um trecho de Levítico e o atribui a Moisés (Mc 1.44). O apóstolo Paulo refere-se a um trecho deste livro ao afirmar *"Moisés descreve... dizendo..."* (Rm 10.5). Os críticos que atribuem Levítico a um escritor sacerdotal de época muito posterior rejeitam a autenticidade do testemunho bíblico.

Data

Os sábios datam o livro de Levítico da época das atividades de Moisés (datando mais antigamente no século XV a.C. e a última alternativa datando no século XII a.C.) até a época de Esdras, durante o retorno (século VI a.C.). A aceitação da autoria mosaica para Levítico dataria sua escrita por volta de 1445 a.C.

O livro descreve o sistema de sacrificios e louvor que precede a época de Esdras e relembra a instituição do sistema de sacrificios. O livro contém pouca informação histórica que forneceria uma data exata.

Comentário

Levítico foi escrito para instruir os israelitas e seus mediadores sacerdotais acerca do seu acesso a Deus por meio do sangue expiador, e para expor o padrão divino da vida santa que deve ter o povo escolhido de Deus.

Assim como Êxodo tem por tema a comunhão que Deus oferece a seu povo mediante sua presença no tabernáculo, Levítico apresenta as leis pelas quais Israel haveria de manter essa comunhão.

O Senhor queria ensinar a seu povo, os hebreus, a santificar-se. A palavra santificação significa apartar-se do mal e dedicar-se ao serviço de Deus. É condição necessária para desfrutar-se da comunhão com Deus.

As leis e as instituições de Levítico faziam os israelitas tomar consciência de sua pecaminosidade e de sua necessidade de receber a misericórdia divina, ao mesmo tempo, o sistema de sacrifícios ensinava-lhes

que o próprio Deus provia o meio de expiar seus pecados e de santificar sua vida. Podem formar cinco seções:

- O conjunto das leis concernentes aos sacrifícios (Lv *1-4*, e partes de 5, 6 e 7);
- A instituição do Sacerdocio (Lv 8-10);
- As leis acerca das Purificações, e as ordenanças respectivas no Dia da Expiação (Lv 11-16);
- "A Lei da Santidade", que primitivamente talvez fosse um código separado. Repetidas vezes vem a palavra "Santidade": a palavra chave do livro, em conexão com várias disposições da lei cerimonial e moral (Lv 17-26);
- Um apêndice sobre votos (Lv 27).

Dois temas muito importantes sobressaem em Levítico: a ***expiação*** e a ***santidade***.

Os capítulos 1-16 contêm o provimento de Deus para a redenção do pecado e para desfazer a separação entre Deus e a humanidade, em conseqüência do pecado. O substantivo "expiação" (hebraico *kaphar*) ocorre cerca de quarenta e oito vezes em Levítico. O seu significado básico é "cobrir, prover uma cobertura".

Os sacrifícios vicários do AT (Lv 1-7) cobriam temporariamente o pecado, mediante o sangue (Hb 10.4), até o dia em que Jesus Cristo morresse como o sacrifício perfeito para "tirar o pecado do mundo" (Jo 1.29; Rm 3.25; Hb 10.11,12).

Os sacerdotes levíticos (Lv 8-10) prenunciam o ministério de mediador de Cristo, enquanto que o dia anual da expiação (cap. 16) prenuncia a sua crucificação.

Os caps. 17-27 apresentam uma série de normas práticas, pelas quais Deus chamava o seu povo

à pureza e à vida santa. O mandamento reiterado por Deus é: "*Santos sereis, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo*" (Lv 19.2; 20.7,26). Os termos hebraicos que significam "santo" ocorrem mais de cem vezes e quando aplicados ao ser humano, falam de pureza e de obediência. A santidade é vista nas cerimônias (Lv 17) e na adoração (Lv 23-25), mas principalmente nos eventos da vida diária (Lv 18-22).

Deus é santo e seu povo há de ser santo. Também Israel deve ser diferente das outras nações e deve separar-se de seus costumes "*Não fareis segundo as obras da terra do Egito... nem fareis segundo as obras da terra de Canaã*" (Lv 18.3). O pensamento-chave encontra-se em (Lv 11.44,45; 19.2) "*Santos sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo".*

O Tabernáculo e seus móveis eram santos, bem como os sacerdotes, as suas vestimentas, as ofertas, as festas e tudo era santo para que Israel fosse santo.

Nota-se a santidade divina no castigo do pecado de Nadabe e Abiú (cap. 10) e o do blasfemo (Lv 24.10-23).

A santidade de Deus impõe leis concernentes às ofertas, ao alimento, à purificação, à castidade, às festividades e outras cerimônias. Somente por seus mediadores, os sacerdotes, pode um povo pecaminoso aproximar-se do Deus santo. Tudo isto ensinou aos hebreus que o pecado é que afasta o homem de Deus, que Deus exige a santidade e que só o Levítico fala de santidade, mas ao mesmo tempo fala da graça, ou possibilidade de obter perdão por meio de sacrifícios.

Levítico termina com uma admoestação por Moisés (cap. 26) e com instruções a respeito de certos votos especiais (cap. 27).

➢ ***Quatro características assinalam Levítico:***

1 A revelação divina, no sentido da palavra direta da parte de Deus, é mais patente em Levítico do que em qualquer outro livro da Bíblia. Nada menos que trinta e oito vezes, o livro de Levítico declara expressamente que o Senhor falou a Moisés.

2 O livro dá instruções detalhadas sobre os diversos sacrifícios e a expiação vicária.

3 O capítulo 16 é o principal da Bíblia no detalhamento do Dia da Expiação.

4 Levítico ressalta o fato de que o povo de Israel devia cumprir sua vocação sacerdotal, vivendo em pureza moral e espiritual, separado doutras nações e obediente a Deus.

Levítico e seu Cumprimento no NT

Devido à ênfase redobrada à expiação pelo sangue e à santidade, Levítico tem relevância[1] permanente para os crentes do novo concerto. O NT ensina que o sangue expiador de animais sacrificiais, realçado em Levítico, era "a sombra dos bens futuros" (Hb 10.1) a indicar o sacrifício, uma vez para sempre, de Cristo, pelo pecado (Hb 9.12).

O mandamento bíblico para que o crente seja santo pode ser perfeitamente cumprido pelo crente do novo concerto, através do sangue precioso de Cristo; a chamada do crente é para que ele seja santo em todas as áreas da sua vida (lPe 1.15).

O segundo grande mandamento, conforme Jesus o definiu, deriva de Levítico 19.18: *"Amarás o teu próximo como a ti mesmo*" (Mt 22.39).

[1] **Grande valor, conveniência ou interesse; importância, relevo.**

A leitura deste livro pode parecer monótona, **e** seu valor superado, pois Cristo com sua morte na cruz aboliu todos os ritos e sacrifícios da antiga Lei (Hb 10.1-10). Mas são estas leis que ilustram a apresentação de Jesús no templo (Le 2.21-24; Lv 12.3- 8) e a ordem que Jesús dá ao leproso de se apresentar ao sacerdote (Mt 8.1-4; Lv 14.2-32).

Existe, sem dúvida, o perigo de um ritualismo vazio no relacionamento do homem com eus. Os profetas (Os 6.6) e o próprio Jesus (Mt 9.13) lembram que a Deus agrada mais o amor e a misericordia do que os sacrificios. Mas devemos ver m Levítico antes de tudo a resposta religiosa organizada, de um povo que se sente eleito por Deus.

Impressionado pela grandeza e perfeição deste Deus, Israel procura honrá-lo com o culto mais perfeito possível (pureza ritual) e servi-lo com a máxima fidelidade (pureza moral). Neste sentido Levítico ensina-nos a celebrar no culto o amor a Deus sobre todas as coisas (Lv 19.2) e amar ao próximo como a nós mesmos (Lv 19.18).

Significado e Valor

Embora Levítico pareça árido[1] e pouco interessante a muitos leitores, o livro tem grande significado e valor quando bem compreendido.

Proporciona-nos um antecedente que torna compreensíveis outros livros da Bíblia. Se alguém deseja entender as referências aos sacrifícios, cerimônias de purificação, as instituições, tais como o Sacerdócio ou as convocações sagradas, é necessário consultar o livro de Levítico.

[1] **Sem umidade, seco.**

Os Profetas destacados, Isaías, Jeremías, e Ezequiel em suas visões contemplam verdades permanentes dados por via do simbolismo do templo, das ofertas, das festas e das pessoas sagradas.

Sem a luz que Levítico jorra sobre a Epístola aos Hebreus, esta seria um enigma[1].

Levítico apresenta princípios elevados da religião, conquanto muitas de suas normas e cerimônias já não estejam em vigor para o crente, ainda assim encerram princípios permanentes. Deve-se descontar a casca (a forma antiga das leis) e guardar o grão (o princípio moral ou espiritual).

As leis e cerimônias de Levítico mostram como Deus opera para remover o pecado mediante o sacrifício e a purificação, como Deus atua contra pecados sociais por meio do ano sabático e do ano do jubileu, e como ele enfrenta a imoralidade por meio de leis de castidade e também mediante promessas e ameaças.

Finalmente, este livro tinha o propósito de preparar a mente humana para as grandes verdades do NT, Levítico apresenta o evangelho revestido de simbolismo.

Os sacrifícios da antiga aliança, especialmente a do grande dia de expiação, antecipavam o sacrifício do mediador da nova aliança. Para entender cabalmente[2] o Calvário e sua glória redentora, têm de vê-lo à luz do livro de Levítico; este livro põe em relevo a verdadeira face do pecado, da graça e assim prepara os israelitas para a obra do Redentor.

[1] Questões proposta em termos obscuros, ambíguos, para ser interpretada ou adivinhada por alguém.

[2] Completo, pleno; inteiro, perfeito.

Levítico, a Salvação no AT

1. A necessidade da Salvação.

Após a desobediencia de Adão, Deus encontrou o homem, cheio de culpa (Gn 3.10), e imediatamente *"fez o Senhor Deus a Adão e a sua mulher túnicas de pele e os vestiu*" (Gn 3.21).

Deus viu a necessidade de salvação, e sacrificou uma vítima para que o homem fosse vestido, tipificando assim a necessidade do derramamento de sangue, através do sistema sacrificial, para obtenção do perdão dos pecados.

1.1. A ordenança divina ao homem.

Deus, em seu desejo de salvar o homem, ordena a maneira divina para que o sacrifício seja aceito e o pecador perdoado: *"E porá a sua mão, sobre a cabeça do holocausto, para que seja aceito por ele, para a sua expiação*" (Lv 1.4). Neste ato o homem transfere para o animal a culpa pelo pecado e a vítima é sacrificada no lugar do pecador.

1.2. A necessidade do sangue no sacrificio.

Conforme orientação do próprio Deus, o sacrificio era realizado diante do Senhor: "*Depois degolará o bezerro perante o Senhor... espargindo o sangue sobre o altar*" (Lv 1.5), "*... e quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão*" (Hb 9.22).

2. A necessidade do acesso a Deus.

Através dos sacrifícios o pecador tinha acesso a Deus: *"Se a sua oferta for holocausto de gado, oferecerá macho sem mancha"* (Lv 1.3). O cordeiro ofertado em holocausto é um tipo perfeito de Cristo, o

Cordeiro de Deus que sem mácula ofereceu-se em nosso lugar, para que tenhamos acesso ao Pai: *"No qual temos ousadia e acesso com confiança, pela nossa fé nele*" (Ef 3.12).

2.1. O acesso pelo sacrifício.

Todo israelita que desejasse comunhão com Deus tinha que sacrificar algo, através do sacerdote, para ser oferecido a Deus (Hb 11.4). Em Cristo a perfeita comunhão foi restaurada, pois através de seu sacrifício vicário perfeito, ele nos abriu a porta de acesso a Deus: "*... pelo novo e vivo caminho que Ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne*" (Hb 10.20).

2.2. O acesso pelo sangue.

Através do perdão se restaurava a comunhão com Deus. Somente através do sangue o povo poderia desfrutar tal comunhão (Lv 1.5,11,15). A Igreja, resgatada da vã maneira de viver, tem hoje um acesso perfeito a Deus: *"Tendo, pois irmãos ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus*" (Hb 10.19). O próprio Jesus declarou: "*Este cálice é a nova aliança no meu sangue, que é derramado por vós*" (Lc 22.20).

2.3. O acesso através do sacerdote.

Nenhum israelita tinha acesso a Deus individualmente. Tudo era realizado pelo sacerdote que se colocava como intermediário entre o homem e Deus (Lv 1.11,15). *"E nunca mais os filhos de Israel se chegarão à tenda da congregação, para que não levem sobre si o pecado, e morram*" (Nm 18.22). O apóstolo Paulo escrevendo aos Efésios revela nosso acesso ao Pai, hoje, através de Cristo: *"No qual temos ousadia e acesso com confiança, pela nossa fé nele*" (Ef 3.12).

3. A necessidade de sacrificios.

Pecado é transgressão contra a santidade de Deus, por isso, Deus determinou a morte do transgressor(Ez 18.4).

Somente através de uma substituição o pecador não morreria. Deus instituiu o sacrifício substitutivo para que através dele o homem se livrasse da morte física como consequência do pecado.

3.1. *Os sacrificios no Antigo Testamento.*

Os sacrifíciosdo AT são tipos que representam Cristo e sua morte expiatoria (Hb 10.1). Os sacrificios ordenados por Deus tiveram ação na vida daqueles que o ofereciam pela fé: *"Bem-aventurado aquele cuja transgressão é perdoada, e cujo pecado é coberto*" (SI 32.1). Pelo sacrifício a sentença de morte era adiada, até que veio Jesus (G1 4.4) e efetuou a eterna salvação.

3.2. *Os sacrificios apontavam para Cristo.*

Jesus certa vez disse: "*Abraão, nosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se"* (Jo 8.56), estava revelando que os sacrifícios do AT apontavam para si próprio, o sacrifício perfeito. Desta forma, todo o livro de Levítico nos aponta Cristo nos sacrificios e ritos estabelecidos por Deus, a fim de salvar o homem do poder do pecado.

4. A necessidade do sacerdocio.

Uma descrição da chamada sacerdotal: *"Porque todo o sumo sacerdote, tomado dentro os homens, é constituido a favor dos homens nas coisas concernentes a Deus, para que ofereça dons e sacrificios pelos pecados*" (Hb 5.1). Através deste versículo entendemos a necessidade do sacerdocio.

4.1. Sacerdocio, uma chamada divina.

O sacerdocio foi instituido por Deus para ministrar os ritos dos sacrifícios a serem ofertados: *"E ninguém toma para si esta honra, senão o que é chamado por Deus, como Arão*" (Hb 5.4).

Quando o rei Uzias, exaltado no seu coração, quis oferecer o incenso no templo do Senhor (2Cr 26.16), os sacerdotes o admoestaram: *"A ti Uzias, não compete queimar incenso perante o Senhor, mas aos sacerdotes, filhos de Arão, que são consagrados para queimar o incenso...*" (2Cr 16.18). Somente os chamados para este ministério podiam estar diante do Senhor no seu templo.

4.2. Jesus, um sacerdote perfeito.

Hebreus nos revela o grande sacerdote Jesus: *"Pelo que, irmãos santos, participantes da vocação celestial, considerai a Jesús Cristo, apóstolo e sumo sacerdote da nossa confissão*" (Hb 3.1). Ele aqui é apresentado como sendo superior a Moisés (Hb 3.3), constituido nosso intercessor diante de Deus, garantindo assim nossa justificação (Rm 5.1).

4.3. Igreja, um sacerdócio santo.

O sacerdócio que coube a Arão foi exercido em toda plenitude por Cristo e agora alcança a Igreja. O apóstolo Pedro declara: "*Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real...'"* (2Pe 2.9).

Hoje podemos exercer este ministério porque fomos comprados por Cristo: "*... porque foste morto, e com teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua e povo, e nação; e para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes..."* (Ap 5.9,10). Fomos constituídos para oferecer a Deus sacrifícios de louvor e adoração (Rm 12.1,2).

5. A necessidade da comunhão com Deus.

Desde a queda de Adão, a humanidade necessita de comunhão com Deus. Foi através dos sacrificios, holocaustos e ofertas, que Deus estabeleceu os meios para comunhão entre o pecador e um Deus Santo (Lv 1.9,13,17).

5.1. A necessidade do homem.

Toda a criatura necessita de comunhão com seu Criador; pois Ele nos deu o seu espirito (Gn 2.7). No Éden a comunhão era perfeita, até o dia que o homem sucumbiu ao pecado (Gn 3.9,10). A partir de então o homem passou a buscar, através do sacrificio, reatar a comunhão com Deus.

Vejamos alguns exemplos: Abel (Gn 4.4); Noé (Gn 9.20); Abraão (Gn 12.7), e tantos outros servos de Deus do passado.

5.2. A necessidade de Deus.

A comunhão sempre veio de Deus (Gn 3.8,9), Ele sempre buscou o homem, mesmo estando o homem em pecado (Gn 3.21). Através do sistema sacrificial apresentado em Levítico, Deus estabelece os meios para que a comunhão seja mantida (Lv 1.1), pois como Criador Ele jamais desamparou suas criaturas (Dt 31; SI 9.10).

Questionário

■ Assinale com “X” as alternativas corretas

1. A lição principal do livro de Levítico é que:
   a) Jesus virá julgar as nações
   b) Ninguém escapará do Juízo Final
   c) O Deus do povo de Israel é Santo
   d) Deus ama tanto judeus como gentios

2. Dois temas muito importantes sobressaem em Levítico:
   a) A santificação e a adoção
   b) A eleição e a regeneração
   c) A justificação e a consternação
   d) A expiação e a santidade

3. Baseado no contexto de Levítico, é errado dizer:
   a) O sacerdócio foi instituído por Deus para ministrar os ritos dos sacrifícios a serem ofertados
   b) Todos tinham acesso a Deus individualmente
   c) Pelo sacrifício a sentença de morte era adiada (Jesus efetuou a eterna salvação)
   d) Através dos sacrifícios o pecador tinha acesso a Deus

Marque “C” para Certo e “E” para Errado

4. Através do perdão se restaurava a comunhão com Deus. Somente através do sangue o povo poderia desfrutar tal comunhão
5. A comunhão nunca partiu de Deus, sempre o homem quem buscou a Deus, mesmo estando em pecado

Sacrifícios

Como revelação era o meio que Deus usava para aproximar-se de seu povo, assim o sacrificio era o meio pelo qual o povo podia aproximar-se de Deus. O Senhor ordenou: *"Ninguém aparecerá vazio diante de mim'"* (Êx 34.20; Dt 16.16).

Como se originou a idéia de sacrificio? O sistema sacrificial foi instituido por Deus para ligar a nação israelita a Ele próprio. Não obstante os sacrificios remontam ao período primitivo da raça humana. Menciona-se o ato pela primeira vez em Génesis 4, na casa de Caim e Abel. Provavelmente Deus mesmo ensinou os homens a oferecer sacrificio como meio de aproximar-se dEle.

A idéia ficou gravada na mente humana e o costume foi transmitido a toda a humanidade. Com o transcorrer do tempo, os sacrifícios oferecidos pelos que não conheciam a Deus uniram-se aos costumes pagãos e a idéias corruptas como, por exemplo, o conceito de que os deuses literalmente comiam o fumo e o odor do sacrificio.

Não se sabe se os israelitas, antes de chegarem ao Sinai, conheciam e distinguiam claramente os diversos tipos de ofertas. Já como nação liberta da escravidão do Egito, já como perto da aliança, Israel recebeu instruções específicas com respeito aos sacrifícios.

Conjunto das leis concernentes aos sacrifícios: Levítico 1-4 e partes de 5, 6 e 7. O sistema mosaico de sacrifício (idéias relacionadas com o sacrifício). O motivo básico dos sacrifícios é a substituição e seu fim é a expiação (reconciliação), pela qual os homens voltam para gozarem plena comunhão com Deus.

➢ Expiar: purificar-se de crimes ou pecados.

O pecado é sumamente grave porque é contra Deus. Além do mais, Deus "é *tão puro de olhos que não pode ver o mal*" (He 1.13). O homem que peca merece a morte. Em seu lugar morre um animal inocente e esta morte cancela ou retira o pecado.

Levítico 17.11 é o texto-chave quanto à expiação. *"A alma da carne está no sangue, pelo que tenho vo-lo dado sobre o altar, para fazer expiação de vossas almas".* Isso quer dizer que Deus designou o sangue como sacrifício, provendo assim para a necessidade do homem.

Que significa o sangue? Ele é considerado o principio vital. Não significa em si mesmo como símbolo e demonstração de que se tirou a vida de um animal inocente para pagar pelos pecados do culpado. Portanto o sangue usado na expiação simboliza urna vida oferecida na morte. Ao espargir[1] sangue sobre pessoas ou coisas, mostra-se que a elas se aplicam os méritos dessa morte.

Esta possibilidade de alcançar a expiação do pecado mediante um sacrificio substitutivo evidencia a graça divina e constituía o coração da antiga aliança.

Sem possibilidade de expiação, a lei permanecia esplêndida[2], porém inatingível. Serviria apenas para condenar o homem deixando-o frustrado e desesperado. Se não fosse pelos sacrifícios, ficaria anulada toda a possibilidade de que o homem se aproxima de Deus, um Deus santo e o antigo concerto seria uma desilusão.

Por mais que o homem se esforçasse por cumprir a lei, fracassaria por sua fraqueza moral. Por

[1] **Espalhar ou derramar (um líquido).**

[2] **Brilhante, reluzente; admirável, grandioso.**

isso, enquanto a lei revela as exigências da santidade de Deus, a expiação por meio do sacrifício manifesta a graça divina que cumpre as exigências de Deus. Não há que se estranhar o ser dito que Levítico apresenta o evangelho revestido de roupagem simbólica.

A segunda idéia relacionada com o sacrifício é a consagração (dedicação ao serviço de Deus). Ao colocar as mãos sobre o animal antes de degolá-lo, o ofertante identifica-se com o animal oferecido sobre o altar, a vítima representa aquele que a oferece e indica que o ofertante pertence a Deus.

A idéia de mordomia ou administração dos bens materiais também se vê na lei, por exemplo, em certas ofertas de alimentos e no fato de que a melhor parte do animal era queimada sobre o altar. Ao devolver a Deus uma porção dos bens que lhe custaram tempo e trabalho, o ofertante reconhece que tudo é do Senhor.

Também está presente a idéia de jubilosa[1] comunhão com Deus nas ofertas de paz, pois o ofertante participa da carne sacrificada em um banquete sagrado.

Naturalmente se encontra também a idéia de adoração no sistema sacrificial. Sacrificar equivale a *"prestar culto a Deus, atribuir-lhe glória por ser Deus de quem dependemos e a quem devemos culto e submissão".*

Com o transcorrer do tempo, os israelitas chegaram a atuar como se o que importasse para Deus fossem os próprios sacrifícios em lugar do coração do ofertante. O salmista Davi e os profetas procuraram inculcar no povo a verdade de que Deus não se contenta com as vítimas oferecidas quando faltam o

[1] **Cheio de alegria; muito alegre; contentíssimo.**

arrependimento, a fé, a justiça e a piedade naqueles que as oferecem (1Sm 15.22; SI 51.16,17; Is 1.11-17; Mq 6.6-8).

➢ ***Tipo de animais que se ofereciam.***

A lei não admitia mais do que estas cinco espécies de animais como aptas para o sacrifício: A vaca, a cabra, a rola[1], a ovelha e a pamba.

Estes animais limpos, o animal imundo não podia ser símbolo do sacrifício santo do calvário. Só eram sacrificados animais domésticos porque eram estimados por seus donos, caros e submissos. De outro modo não poderiam ser figura profética daquele que *"como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, Ele não abriu a sua boca"* (Is 53.7). O animal tinha que ser sem mancha, simbolizando desse modo o Redentor sem mácula[2].

➢ ***A forma em que se ofereciam os sacrifícios.***

Os passos no ato do sacrifício eram:

=>O ofertante levava pessoalmente o animal à porta da cerca do tabernáculo onde estava o altar do holocausto.

=>Depois o ofertante punha as mãos sobre o animal para indicar que este era seu substituto. Em determinados sacrifícios este ato indicava a transferência dos pecados para o animal, e em outras a dedicação da própria pessoa mediante seu substituto, podia também indicar ambas as coisas.

=>O ofertante o degolava como sinal da justa paga de seus pecados. Assim foi no caso de Jesus, a morte foi a conseqüência lógica de haver Ele

[1] **Ave semelhante à pomba.**

[2] **Nódoa, mancha.**

carregado o pecado de todos nós (Is 53.6). A seguir, o sacerdote derramava o sangue sobre o altar.

Segundo o tipo de sacrifício, todo o animal, ou uma parte dele, era queimado, o restante da vítima era comido na arca do tabernáculo pelos sacerdotes e suas famílias ou, no caso do sacrifício pacífico, pelos sacerdotes e pelos adoradores.

Tipos de Ofertas

Holocausto	Sacrifício em que se queimavam inteiramente as vítimas (Lv 1.1-17; 6.8- 13).
Oblação[1] ou oferta de alimento	Objeto que se oferece à divindade (Lv 2.1-16; 6.14-23).
Sacrifício de paz	Seu traço característico residia no fato de a maior parte do corpo do animal sacrificado ser comida pelo ofertante e seus convidados em banquete de camaradagem entre Deus e o homem (Lv 3.1-17; 7.11-34; 19.5-8; 22.21-25).
Sacrifício pelo pecado	Esta oferta destinava-se a expiar os pecados cometidos por ignorância e erro, inclusive faltas tais como se recusar a testificar contra um criminoso diante de um tribunal ou jurar levianamente (Lv 4.1-5.13; 6.24-30).
Sacrifício pela culpa ou por diversas transgressões	Era oferecido em caso de violação dos direitos de Deus ou do próximo, tais como descuido no dízimo (Lv 5.14-6.7; 7.1-7).

[1] Oblação (Lv 6.7-11) é o sacrifício incruento feito à base de produtos vegetais cultivados pelo homem (Nm 5.4-13).

Além das ofertas mencionadas, havia ofertas de libações (derramamento de vinho, sangue ou um licor em honra de qualquer nome ou divindade), ofertas movidas e ofertas alçadas, eram complementos de outras ofertas.

O sistema de sacrifícios preparou, por outro lado, a mente dos hebreus para entender as idéias de expiação e redenção. Diz Henry Halley.

Os sacrifícios contínuos de animais e a chama incessante do fogo do altar foram sem dúvida propostas por Deus, para gravar na consciência dos homens a convicção de sua própria pecaminosidade e para ser um quadro perdurável do sacrifício vindouro de Cristo, para quem apontavam e em quem foram cumpridos.

- ***Frequência dos sacrifícios.***

Havia holocaustos diariamente, um cordeiro cada manhã e cada tarde. No primeiro dia de cada mês havia outras ofertas. Nas festas de Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos, grandes quantidades de animais eram oferecidas. Também no Dia da Expiação. Além destas ofertas regulares pela nação, haviam outras, por ocasiões especiais, e por indivíduos, pelo pecado, votos, ação de graças, etc.

Sacerdócio

Sacerdote (latim: "*sacerdos*, *sacerdotem*") sacrificador, o que tinha o poder de oferecer vítimas à divindade. Considerando que Deus desejava que Israel fosse uma nação santa (Ex 19.6), nomeou a Arão e seus filhos para constituírem o sacerdócio. Antes do êxodo, o chefe de cada família, ou o primogênito desempenhava o papel de sacerdote familiar, mas a complicação dos ritos do tabernáculo e a exigência de

observá-los com exatidão tornaram necessária a instituição de um sacerdócio dedicado totalmente ao culto divino.

A vocação sacerdotal era hereditária, de modo que os sacerdotes podiam transmitir a seus filhos as leis detalhadas relacionadas com o culto e com as numerosas regras as quais os sacerdotes viviam sujeitos a fim de manterem a pureza legal que lhes permitisse aproximar-se de Deus.

- ***Os levitas eram os ajudantes dos sacerdotes.***

Por haverem sido resgatados da morte, na noite da páscoa, os primogênitos das famílias hebraicas pertenciam a Deus, mas os levitas, por seu zelo espiritual, foram escolhidos divinamente como substitutos dos filhos mais velhos de cada família (Êx 32.25-29; Nm 3.5-13; 8.12-19).

Os levitas assistiam os sacerdotes em seus deveres, transportavam o tabernáculo e cuidavam dele.

- ***Funções dos sacerdotes:***

=>Servir como mediadores entre o povo e Deus, interceder pelo povo, expiar o pecado mediante o sacrifício, e desse modo reconciliar o povo com Deus;

=>Consultar a Deus para discernir a vontade divina para o povo (Nm 27.21; Dt 33.8);

=>Serem os intérpretes e mestres da lei e ensinar ao povo os estatutos do Senhor (Lv 10.11; Ez 44.23).

=>Ministrar nas coisas sagradas do tabernáculo.

- ***O Sumo Sacerdote:***

=>Era o sacerdote mais importante.

=>Somente ele entraria uma vez por ano no lugar santíssimo para expiar os pecados da nação israelita.

=>Somente ele usava o peitoral com os nomes das tribos e atuava como mediador entre toda a nação e Deus.

=>Somente ele tinha o direito de consultar ao Senhor mediante Urim e Tumim.

Embora o sacerdote em alguns aspectos prefigure o crente, o sumo sacerdote simboliza a Jesus Cristo (lPe 2.5,9; Hb 2.17; 4.14).

- ***Requisitos dos sacerdotes (Lv 21 e 22).***

Adquire relevo a santidade do sacerdote, ao considerar os requisitos para o ofício.

=>Era preciso ser homem sem defeito físico (Lv 21.16- 21).

=>Devia casar-se com uma mulher de caráter exemplar.

=>Não devia contaminar-se com costumes pagãos nem tocar coisas imundas.

A santidade divina exige daqueles que se aproximem de Deus um estado habitual de pureza, incompatível com a vida comum dos homens.

- ***Vestimentas dos sacerdotes (Êx 28).***

Eram feitas do melhor linho fino e era obra primorosa para que os sacerdotes estivessem vestidos com dignidade e formosura.

=>Sacerdote:

- ✓ Túnica branca;
- ✓ Um calção;
- ✓ Uma faixa (cinto);
- ✓ Uma mitra[1] de linho fino.

[1] Espécie de barrete, ou cobertura para a cabeça, usada pelo sumo sacerdote.

=>Sumo Sacerdote:

- ✓ Além das roupas dos sacerdotes;
- ✓ Sobre a túnica um manto azul, com campainhas;
- ✓ Urna estola, espécie de manto; com uma pedra ónix sobre cada ombro, cada uma das pedras tinha o nome de seis tribos. A estola era feita de ouro, azul e púrpura.
- ✓ Um peitoral de 25 cm cada lado, de ouro, azul, púrpura carmesim e linho fino, dobrado, aberto na parte superior como bolsa, preso com cadeias de ouro à estola, adornado com 12 pedras preciosas, cada qual com o nome de uma tribo, continha o Urim e Tumim, utilizados quando se queria conhecer a vontade de Deus.
- ✓ Na mitra do sumo sacerdote estava colocada uma lámina de ouro puro com as palavras “Santidade ao Senhor”.

Questionário

■ Assinale com “X” as alternativas corretas

6. O motivo básico dos sacrifícios é a _____ e seu fim é a _____, pela qual os homens voltam para gozarem plena comunhão com Deus
   a) Graça e paz
   b) Substituição e expiação
   c) Alegria e adoração
   d) Culpa e justificação

7. Sacrifício em que se queimavam inteiramente as vítimas:
   a) Sacrifício pela culpa
   b) Oferta de manjares
   c) Holocausto
   d) Sacrifício da paz

8. É errado afirmar que:
   a) Os levitas tinham o direito de consultar ao Senhor mediante Urim e Tumim
   b) O sacerdote não poderia ter defeito físico
   c) Os sacerdotes eram intérpretes, mestres da lei e ensinavam ao povo os estatutos do Senhor
   d) O Sumo Sacerdote entrava uma vez por ano no lugar santíssimo para expiar os pecados de Israel

■ Marque “C” para Certo e “E” para Errado

9. A lei não admitia mais do que estas duas espécies de animais como aptas para o sacrifício: A vaca e a ovelha

10. E analisado em Levítico que a vocação sacerdotal não era necessariamente hereditária

Lição 4

Números

	Autor: Tradicionalmente Moisés.
	Data: Cerca de 1405 a.C.
Números	**Tema:** Peregrinação no Deserto.
	Palavras-Chave: Censo. Murmuração.
	Pureza, Tabernáculo.
	Versículo-chave: Nm 1.2.3 e 14.19.

Quarto livro do Pentateuco. Tem esse nome porque nele há duas contagens dos israelitas. A primeira foi feita quando saíram do Egito (Nm 1), e a outra, 40 anos mais tarde, antes de entrarem na terra de Canaã (Nm 26).

Entre esses dois capítulos é contada a história da caminhada dos israelitas até Cades-Barnéia, no sul de Canaã, onde permaneceram por muitos anos, deslocando-se no final para a região montanhosa que fica a leste do rio Jordão. Essa história mostra que o povo muitas vezes ficou desanimado e com medo diante das dificuldades, revoltando-se contra Deus e contra Moisés. Mas, a história mostra também a fidelidade de Deus e o seu cuidado constante para com o seu povo.

Finalmente, o livro de Números fala da firmeza de Moisés, que às vezes perdia a paciência, mas sempre mostrava ter um espírito de dedicação a Deus e ao seu povo.

A pedagogia divina e a rica experiência religiosa de Israel no deserto tornaram-se um modelo de inspiração para todos os tempos. Por isso, os fatos relatados neste livro foram com frequência recordados no AT (Mq 6.3-5; Ez 16; 20; SI 106). O NT lembra os episodios da serpente de bronze (Jo 3.14s), da revolta de Coré (2Tm 2.19; Jd 11), de Balaão (2Pd 2.15s; Ap 2.14), a fidelidade de Moisés e a incompreensão do povo (Hb 3.2-4,7).

Paulo referindo-se às crises relatadas em Números conclui: "*Todas estas coisas lhes sucederam para servir de exemplo, e foram escritas para nos advertir*" (1Co 10.11).

O título do livro, "Números", surgiu primeiramente nas versões gregas e latinas e deriva dos dois recenseamentos ou "contagens" do povo registrado no livro (Nm 1.26). A maior parte do livro, entretanto, descreve as experiências de Israel nas suas peregrinações "no deserto". Daí, este livro ser chamado no AT hebraico "No Deserto" (*Bemidbar* - palavra que aparece em Números 1.1).

Cronologicamente, o livro de Números é uma continuação da história relatada no livro de Êxodo. Depois de uma estada de aproximadamente um ano no monte Sinai, período durante o qual Deus estabeleceu seu concerto com Israel, deu a Moisés a lei e o modelo do Tabernáculo, e instruiu-o a respeito do conteúdo de Levítico. Os israelitas se prepararam para continuar sua viagem à terra que Deus lhes prometera como descendentes de Abraão, Isaque e Jacó.

Pouco antes de partirem do Monte Sinai, no entanto, Deus mandou Moisés numerar todos os homens de guerra (Nm 1.2,3). Dezenove dias depois, a nação partiu do Sinai, numa curta viagem para Cades-Barnéia (Nm 10.11).

Números registra a grave rebelião de Israel em Cades, e seus trinta e nove anos subseqüentes de julgamento no deserto, até quando Deus conduziu toda uma nova geração de israelitas às planícies de Moabe, à beira do rio Jordão, do lado oposto a Jericó e à terra prometida.

Números foi escrito para relatar por que Israel não entrou na terra prometida imediatamente depois de partir do monte Sinai. O livro trata da fé que Deus requer do seu povo, dos seus castigos e juízos contra a rebelião e do cumprimento progressivo do seu propósito.

A mensagem principal de Números é evidente: o povo de Deus prossegue avante tão somente por confiar n'Ele e nas suas promessas e obedecer a sua Palavra. Embora a travessia do deserto fosse necessário por certo tempo, não era intenção original de Deus que a prova naquele lugar se prolongasse a tal ponto que uma geração inteira de israelitas habitasse e morresse ali.

A curta viagem do Monte Sinai a Cades significou trinta e nove anos de aflição e de julgamento por causa da incredulidade deles. Durante a maior parte do tempo referente a Números, Israel foi um povo infiel, rebelde e ingrato para com Deus, apesar dos seus milagres e provisão.

* Murmuração generalizada surgiu entre o povo pouco depois da sua partida do Monte Sinai (Nm 11);
* Miriã e Arão falaram mal de Moisés (cap. 12);
* Israel, como um todo, rebelou-se em Cades na sua obstinada incredulidade, e recusou-se a prosseguir para Canaã (cap. 14);
* Coré com muitos outros levitas rebelaram-se contra Moisés (cap. 16).

* Pressionado além dos limites por um povo rebelde, Moisés, por fim, pecou na sua ira, por imprudência (cap. 20);
* A seguir, Israel adorou a Baal (cap. 25).

Todos os israelitas que no incidente de Cades tinham de vinte anos para cima (excetuando-se Josué e Calebe) pereceram no deserto. Uma nova geração de israelitas finalmente chegou aos termos orientais da terra prometida.

O Autor

A autoria de Números é historicamente atribuída a Moisés:

- Pelo Pentateuco judaico e o samaritano;
- Pela tradição judaica;
- Por Jesus e pelos escritores do Novo Testamento;
- Pelos escritores cristãos antigos;
- Pelos estudiosos conservadores contemporâneos; e
- Pelas evidências internas do próprio livro (Nm 33.1,2).

Moisés, sem dúvida, escreveu um diário durante as peregrinações no deserto, e mais tarde dispôs o conteúdo de Números em forma narrativa, pouco antes de sua morte (cerca 1405 a.C.). A prática de Moisés, de referir-se a si mesmo na terceira pessoa, era comum nos escritos antigos, e em nada afeta a credibilidade da sua autoria.

Data

Assumindo a autoria mosaica, provavelmente o livro tenha sido escrito por volta de 1400 a.C., pouco antes de sua morte.

Os acontecimentos deste livro ocorrem durante cerca de 40 anos, começando logo após o Éxodo, em 1440 a.C.

Números e seu Cumprimento no NT

As murmurações e a incredulidade de Israel são mencionadas como advertências aos crentes do novo concerto (1Co 10.5-11; Hb 3.16-4.6). A gravidade do pecado de Balaão (Nm 22-24) e da rebelião de Coré (Nm 16) também são mencionados (2Pe 2.15,16; Jd 11; Ap 2.14).

Jesús faz referência à serpente de bronze como uma alusão a Ele mesmo ao ser levantado na cruz, de modo que todos os que nEle crêem não pereçam, mas tenham a vida eterna (Jo 3.14-16; ver Nm 21.7-9). Além disso, Jesus Cristo é comparado com a rocha do deserto, da qual Israel bebeu (1Co 10.4) e com o maná celestial que alimentou aquele povo (Jo 6.31-33).

Preparativos Para a Viagem a Canaã (Nm 1.1-10.10)

Israel havia passado quase um ano no Sinai, havia recebido a lei, construido o tabernáculo e agora estava para marchar rumo á terra prometida.

Recenseamento e Organização de Israel (Nm 1-4)

1. Recenseamento das tribos (Nm 1).

Os problemas que a viagem de uma numerosa multidão acarreta em seu percurso através do deserto são maiores do que se possa imaginar. Era preciso organizar bem as tribos e estabelecer a lei e a

ordem, tanto no acampamento como durante a caminhada. O primeiro passo para organizar Israel era levantar um recenseamento.

Por que se realizou o censo? Os israelitas iam conquistar Canaã e era necessário arrolá-los e prepará-los para a guerra. O serviço militar era obrigatório em Israel, quase sem exceções, a partir dos vinte anos para cima. O censo das doze tribos apresentou a cifra de 603.550 homens de guerra, sem incluir os levitas. Por suas funções sagradas no santuário, os levitas estavam isentos do serviço militar. Constituíam uma guarda especial do tabernáculo. Eram contados não a partir dos vinte anos de idade, mas de um mês para cima.

O segundo censo, feito ao terminar a peregrinação no deserto, dá-nos uma cifra um pouco menor que aquela do primeiro censo (Nm 26.51, "601.730"), o que indica que os rigores da viagem no deserto e a disciplina divina impediam Israel de continuar crescendo numericamente como havia crescido no Egito.

=> **<u>Nota</u>.**

- ✓ Esta parte corresponde aos 19 dias (Nm 1.1;

11. 11) de permanência de Israel junto ao monte Sinai. Compreende o recenseamento e a organização das tribos (Nm 1-4), a legislação referente à vida no acampamento (Nm 5-6), as oferendas dos chefes e a consagração dos levitas (Nm 7-8), a celebração da Páscoa e as últimas instruções sobre a partida (Nm 9.1-10,10).

- ✓ O censo ordenado por Deus mostra o domínio que Ele tem sobre o povo (2Sm 24). Tem por finalidade avaliar as forças de Israel antes de partir para a conquista de Canaã. O segundo censo (Nm 26) preparou a partilha do país.

2. ***Disposição das tribos nos acampamentos (Nm 2).***

O Senhor mandou organizar Israel em quatro acampamentos com três tribos em cada um. Os quatro acampamentos estavam organizados em esquadra retangular, com o tabernáculo no centro e os israelitas ao redor dele. Moisés e os sacerdotes ficavam diante da porta do átrio do tabernáculo, ao leste das tribos de Judá, Issacar e Zebulom; ao sul, Rúben, Simeão e Gade; ao ocidente, Efraim, Manassés e Benjamim; ao norte, Dã, Aser e Naftali.

As tribos de Judá, Rúben, Efraim e Dã eram líderes; cada uma delas encabeçava seu grupo de tribos, e portava bandeiras. Segundo a tradição judaica, a bandeira da tribo de Judá tinha a figura de um leão; a de Rúben, uma cabeça humana; e a de Efraim, um boi, e a de Dã, uma águia.

Santificação do Acampamento e Leis Diversas (Nm 5-8)

- ***A expulsão dos impuros (Nm 5.1-4).***

Esta medida foi necessária tanto para manter a santidade do acampamento como a higiene do povo. Ao se contaminar por contato com um morto, Deus queria ensinar a Israel que quando uma pessoa falece e seu espírito vai para o Senhor, o corpo já não tem valor; é algo que deve ser sepultado. Além do mais, a morte deve ser lembrada como a pena do pecado.

- ***Lei sobre ciúmes (Nm 5.11-31).***

Esta lei serve tanto de severa advertência à mulher propensa a cometer adultério como de proteção â mulher inocente em caso de suspeitas infundadas por parte de seu marido ciumento.

Acerca da prova, diz um comentarista: *"Todas as circunstâncias desta terrível cerimônia: colocação da mulher com o rosto voltado para a arca; sua cabeça descoberta, sinal de que estava desprovida da proteção do esposo (1Co **11.7);** a bebida amarga posta em suas mãos, preparatória de uma apelação para Deus; o solene esconjuro[1] do sacerdote (vs. **19-22**), todas estavam calculadas para excitar a imaginação de uma pessoa consciente de culpa".*

A prova para verificar se a mulher era inocente ou não exigia um milagre de Deus. Não há evidência bíblica de que essa lei estivesse em vigor depois da peregrinação no deserto.

- ***O voto dos nazireus (Nm 6.1-21).***

A palavra "nazireu" significa "separado" ou "consagrado"; portanto, alguém que tomava o voto havia de viver separado para Deus. Era um voto voluntário (salvo em casos especiais como o de Sansão) que qualquer pessoa, homem ou mulher, podia fazer para consagrar-se a Deus e viver em maior santidade.

Podia ser por toda a vida (como o de João Batista), mas em geral era por um período determinado. Três requisitos se indicam aqui:

- ✓ Abster-se de todo o fruto da vide. A semelhança do sacerdote, quando oficiava, o nazireu negava a si mesmo o uso das bebidas fortes a fim de estar em melhor condição de servir a Deus (Lv 10.9- 11). Além disso, o fruto da vide simbolizava em Israel o gozo natural (SI 104.15); por isso o nazireu devia encontrar seu gozo no Senhor (SI 36.8,9).

[1] **Juramento com imprecações. Praga, maldição.**

- ✓ Não cortar o cabelo como sinal público de que havia tomado voto. O cabelo comprido de Sansão simbolizava que consagrava sua força e virilidade[1] a Deus.
- ✓ Não tocar corpo morto, nem mesmo o cadáver de pessoa da própria família, porque o nazireu era santo para o Senhor.

Impunha-se um severo castigo quando o voto era quebrado, inclusive quando não o era intencionalmente. Ao terminar o período do voto, o nazireu tinha de desfazer-se de seu cabelo e queimá-lo sobre o altar junto com outros sacrifícios em uma cerimônia pública.

- ➢ ***A benção sacerdotal (Nm 6.22-27).***

Esta formosa bênção constitui o mais excelente da poesia hebraica. Tem uma mensagem oportuna, tanto para os que enfrentavam os inimigos e as incertezas da vida no deserto, como para o homem moderno.

Semelhante a doxologia[2] apostólica de 2 Coríntios 13.13, esta tem uma tríplice invocação e as cláusulas são progressivamente mais elevadas.

Primeiro convida-se o Senhor a abençoar ao seu povo (com boas colheitas, gado, boas temporadas e filhos). A seguir, suplica-se-lhe que os guarde (de todo mal, dos inimigos, de magras colheitas, da enfermidade e da esterilidade).

Na segunda invocação, o Senhor é convidado a voltar o seu rosto com agrado e alegria sobre seu povo e estender-lhe seu favor. Expressa-se em hebraico

[1] Vigor; energia.

[2] **Fórmula litúrgica de louvor a Deus, geralmente ritmada.**

a alegria e complacência[1] como "fazer resplandecer o rosto", e o mal e o temor como "empalidecer" (SI 31.16; Pv 16.15; J1 2.6). Finalmente, pede-se-lhe que "levante o seu rosto" sobre o seu povo (em reconhecimento e aprovação) e lhes de paz (segurança, saúde, tranqüilidade e paz com Deus e com os homens).

Essa bênção era impetrada[2] sobre os fiéis de Deus, de conformidade com as condições que Ele já estabelecera (Dt 11.27). Era tríplice a bênção sacerdotal:

=>A outorga da bênção de Deus e da sua proteção contra os poderes malignos e tudo que se opusesse ao bem-estar humano (Nm 6.24; SI 71.1-6).

=>O resplandecer do rosto do Senhor, isto é, o divino favor, boa vontade e graça para com o povo, o inverso da sua ira (SI 27.1; 31.16; Pv 15.30; 16.14; Is 57.17). A graça é a misericordia, o amor e poder salvífico de Deus.

=>O levantamento do rosto do Senhor sobre o seu povo (Nm 6.26), isto é, seu cuidado e provisão amorável para com ele (SI 4.7,8; 33.18; 34.17).

A dádiva de Deus é a "paz". Paz (hb. *shalom*) significa estar completo, sem nada faltar e recebendo tudo que é necessário para que a vida seja realmente vida (MI 2.5); isso inclui a esperança de um futuro ditoso (Jr 29.11). O inverso da "paz" não é somente a falta de harmonia; é também o mal em todas as suas formas (Rm 1.7; ICo 1.3; lTs 5.23).

A bênção de Deus sobre o seu povo resultaria na salvação brilhando como tocha acesa entre todas as nações (SI 67; 133.3; Ez 34.26; Mt 28.19; Le 24.50).

[1] **Ato ou desejo de comprazer, agrado.**
[2] **Rogar, suplicar, pedir, requerer.**

- ***A oferta dos príncipes de Israel (Nm 7).***

Com sincera devoção ao Senhor, os doze príncipes das tribos fizeram uma oferta espontánea e muito generosa ao Senhor, dando desse modo exemplo aos endinheirados de contribuir para o sustento e promoção da religião. Apresentaram dádivas durante doze dias.

As ofertas foram feitas ao ser ungido o altar, ao consagrar o tabernáculo e seus vasos, carros e bois para transportar as partes pesadas do tabernáculo, utensilios de metal precioso para o santuário e animais para o sacrificio. As ofertas dos príncipes agradaram ao Senhor e Ele ordenou a Moisés que as entregasse aos levitas para o serviço do tabernáculo.

Observamos que a Bíblia menciona os detalhes dos donativos, ensinando-nos assim que Deus nota todos os aspectos de nossa vida e serviço (Mt 10.40-42; Le 21.1-4).

- ***Consagração dos levitas (Nm 8.5-26).***

Os levitas são delegados do povo para assegurar o correto funcionamento do culto. Como intermediários entre Arão e o povo, devem impedir que a santidade do santuário seja violada (Nm 1.53).

"Faze chegar à tribo de Levi e põe-na diante de Arão, o sacerdote, para que o sirvam" (Nm 3.6) . Os levitas deviam ser apartados para a obra do tabernáculo mediante uma cerimônia especial.

A consagração dos levitas era muito mais simples do que a dos sacerdotes. Não eram necessárias as lavagens, nem as unções, nem a investidura com roupa oficial. Efetuava-se a purificação dos levitas oferecendo sacrifícios, sendo espargidos com água misturada com cinzas de bezerra ruiva, barbeando-se e

lavando seus vestidos. A água pura e a navalha afiada representam o afastamento de tudo quanto impede a dedicação espiritual e assinalam a purificação de tudo quanto mancha o corpo e o espirito. Os sacerdotes impunham as mãos sobre os levitas na cerimônia de consagração.

Os levitas entravam na profissão aos vinte e cinco anos de idade, provavelmente como aprendizes em prova sob a vigilância de levitas mais velhos, e aos trinta anos era admitidos no pleno exercício de seus deveres. Ao atingir os cinqüenta anos, o levita era eximido dos trabalhos rigorosos, mas podia continuar servindo nos deveres mais fáceis do tabernáculo.

Questionário

■ Assinale com "X" as alternativas corretas

1. Quanto ao livro de Números, é incoerente dizer que:
   a) Descreve as experiências de Israel *nas* suas peregrinações "rio deserto"
   b) E chamado no AT hebraico de: "No Deserto"
   c) Tem esse nome porque nele há três contagens dos israelitas (no Egito, no Deserto e em Canaã)
   d) Relata o porqué de Israel não entrar na terra prometida imediatamente depois de partir do Monte Sinai

2. Quanto à disposição das tribos nos acampamentos é errado afirmar que:
   a) Judá, Gade, Aser e Dã eram líderes
   b) Os quatro acampamentos estavam organizados em esquadra retangular
   c) Ao leste: Judá, Issacar e Zebulom; ao ocidente: Efraim, Manassés e Benjamim
   d) Ao sul: Rúben, Simeão e Gade; ao norte: Dã, Aser e Naftali

3. Ao terminar o período do voto, tinha de desfazer-se de seu cabelo e queimá-lo sobre o altar junto com outros sacrifícios em uma cerimônia pública
   a) O levita
   b) O nazireu
   c) O sacerdote
   d) O profeta

Marque “C” para Certo e “E” para Errado

4. O primeiro censo apresentou a cifra de “601.730” homens de guerra, incluindo os levitas
5. A consagração do levita era semelhante a do sacerdote. Eram necessárias as lavagens, as unções, até mesmo a investidura com roupa oficial

A Páscoa e as Trombetas

(Nm 9.1-10.10)

- ***A celebração da páscoa (Nm 9.1-14).***

Foi a primeira celebração dessa festa desde o êxodo e, possivelmente, a única no deserto, pois Israel não observava a circuncisão, requisito para celebrar a páscoa (Êx 12.48), desde a rebelião contra o Senhor até entrar em Canaã (Nm 14.20-35; Js 5.2-7).

Surgiu um problema: alguns homens haviam tocado um cadáver e estavam cerimonialmente impuros; não se permitia que celebrassem a páscoa, mas seriam cortados de Israel se não a observassem. Moisés consultou o Senhor e recebeu a resposta. Ser-lhes-ia permitido celebrá-la um mês depois.

- ***As trombetas (Nm 10.1-10).***

As trombetas de prata serviam a vários propósitos:

=>Convocar a congregação para a reunião diante do tabernáculo.

=>Reunir os príncipes das tribos diante de Moisés.

=>Indicar às tribos acampadas ao oriente do acampamento o momento de pôr-se a caminho.

=>Preparar Israel para a guerra.

=>Lembrar ao Senhor a necessidade de seu povo e conseguir a ajuda divina.

Para que o Senhor se lembrasse de seu povo durante as festas sagradas e dos sacrifícios de paz e holocaustos, os sacerdotes tocavam as trombetas indicando que todo o acampamento estava sob a ordem de Deus. Ensina-nos igualmente que Deus deseja que seu povo trabalhe unido para levar a cabo a obra espiritual.

Finalmente, é de notar que a segunda vinda de Cristo será acompanhada do som de trombetas. Indicam que a Igreja tem de partir no êxodo mais impressionante de toda a historia.

Números 10.9 - "haverá lembrança de vós". Deus ajudaria o seu povo na guerra, somente se Ele fosse invocado mediante o sonido das trombetas aqui mencionadas (Êx 28.12,29; 39.7). Noutras palavras, Deus determinou certas condições para os israelitas terem sua ajuda. Deus pode deixar de agir em nosso favor se não permanecermos perto dEle em oração, clamando por sua graça, proteção e presença.

A Viagem do Sinai a Cades-Barnéia

(Nm 10.11-12.16)

Nesta segunda parte se descreve a viagem desde o monte Sinai até as estepes de Moabe, defronte a Jericó. Corresponde aos "40 anos" passado no deserto (Nm 14.33s). Deste período são lembrados apenas alguns incidentes no início e no fim da viagem.

- ***A partida de Israel e Hobabe (Nm 10.11-36).***

Que quadro impressionante! Israel, uma nação de mais de dois milhões de pessoas, começou a marcha em perfeita ordem militar, cada tribo em seu posto, as bandeiras no alto e todos conduzidos pela nuvem.

Moisés convidou seu cunhado para ser guia de Israel. Hobabe conhecia bem o deserto e sabia onde estavam os mananciais, os oásis e os melhores lugares para acampar. Mas, por que Israel necessitava de um guia se a nuvem já vinha realizando esse trabalho? Respondemos com duas perguntas: Por que o crente necessita do conselho do homem experimentado no

caminho se ele tem o Espirito Santo para guiá-lo? Acaso Deus não nos dá a oportunidade de exercer nosso juízo nos detalhes da vida, embora nos guie ñas decisões importantes?

O convite mencionava dois motivos pelos quais Hobabe devia unir-se a Israel:

=> *"E te faremos bem; porque o Senhor falou bem sobre Israel";* e

=> "De *olhos nos servirás".*

A primeira apelava para o próprio interesse de Hobabe, e a segunda para seu desejo de ser útil, de fazer algo grande para o bem de outros. Conquanto Hobabe não tenha aceitado no principio, evidentemente mudou de idéia e acompanhou Israel porque encontramos referência a seus descendentes em Canaã na época dos juízes (Jz 1.16; 4.11).

➢ ***descontentamento do povo e o desánimo de Moisés:***

As **murmurações** (censurar, reclamar em voz baixa). Dentro em breve Israel desviou seu olhar de Deus e começou a queixar-se no deserto.

Sem dúvida os hebreus sofriam por causa do sol abrasador, das privações e dos perigos, mas era isso escusa[1] para ingratidão, irritação e espirito rebelde? Quão depressa se esqueceram da dura escravidão do Egito e do milagroso livramento operado por Deus!

Encontra-se em parte a causa do descontentamento, lendo-se Números 11.4: *"E o vulgo"* (a Bíblia de Jerusalém o traduz "A turba") seria os asiáticos sujeitos à servidão como os hebreus. Aproveitaram a ocasião do éxodo para escapar do Egito.

[1] **Desculpa, justificativa.**

As murmurações descritas em Números são oito. Começam nesta seção com queixas nos extremos do arraial, depois lamentações no próprio acampamento, e finalmente críticas da parte dos lideres mais fidedignos, Arão e Miriã. Cada vez se destaca Moisés como o intercessor abnegado.

- ***A falta de carne e a pesada carga de Moisés:***

Aqui vemos Moisés como servo de Deus vencido pelo excessivo trabalho e pela frustração de não poder satisfazer às necessidades do povo. Já se julga impotente, cansado, impaciente com o povo e desejoso de deixar seu encargo.

Deus solucionou o problema de Moisés comunicando seu Espírito aos setenta anciãos a fim de que eles pudessem levar algo da carga que Moisés vinha levando sozinho.

Quando Eldade e Medade profetizaram, Josué preocupou-se com a posição de liderança de Moisés. Mas o nobre líder não sentia nenhuma inveja ou temor de que outro lhe tomasse o lugar. Seu único desejo era que a obra do Senhor prosperasse. Sua resposta (Nm 11.29) foi profética e se cumpriu no dia de Pentecoste (J1 2.28; At 2.16).

Novamente Deus trouxe, por meio de um vento, codornizes que caíram exaustas no arraial. Os israelitas, em sua ganância, provavelmente comeram a carne crua e muitos morreram da praga que sobreveio.

Nota.

Os episódios do maná, das codornas e das rebeliões, mostram a necessidade de confiar nas promessas divinas, baseadas na aliança, obedecendo ao intermediário Moisés. Murmurando contra Moisés, o povo rompe a aliança, e por isso morrerá no deserto.

- ***As críticas de Miriã e Arão (Nm 12).***

Miriã foi instigadora da crítica, pois somente ela foi castigada (Nm 12.10). Embora ela e Arão falassem contra Moisés por causa da mulher estrangeira com quem casara, (uma mulher etíope "cuxita" não era nem moral nem legalmente errado).

A queixa de Miriã e de Arão era um pretexto fingido para encobrir a inveja que nutriam devido à autoridade de Moisés (Nm 12.2). Não estavam contentes com ocupar o segundo posto em Israel. Moisés estava tão ocupado servindo a Deus que não prestou atenção aos ataques desferidos contra ele próprio. Sempre se manifestou zeloso por defender a honra do Senhor.

O Fracasso em Cades-Barnéia Devido a Incredulidade (Nm 13)

Depois de viajar 320 km através de passagens escarpadas, montanhas e elevadas mesetas do deserto de Parã, os israelitas chegaram a Cades na fronteira de Canaã.

- ***A missão dos espias (Nm 13.1-25).***

Ao comparar Deuteronômio 1.22-23 com o relato de Números, vê-se que o envio dos espias teve sua origem no pedido do povo a Moisés. Não estavam seguros de que Canaã fosse um país de abundância como Deus havia dito.

Temiam a guerra e queriam saber se seria possível conquistar Canaã. Não confiavam nas reiteradas promessas de Deus de que lhes daria a terra. Moisés não discerniu o verdadeiro motivo deste pedido e lhe pareceu bem. O Senhor concedeu aos israelitas sua petição com o fim de manifestar o que estava no coração do povo.

➢ ***O relatório dos espias (Nm 13.26-33).***

Conquanto os dez espias tenham admitido que a terra manava leite e mel, apressaram-se a falar sobre os grandes obstáculos, sobre as cidades fortificadas e sobre os gigantes. O temor dos israelitas aumentou ao ouvirem o relatório.

Calebe acalmou o povo com palavras de ânimo e fé. Não negou o que os dez espias o disseram, mas colocou sua esperança no que Israel podia fazer com a ajuda de Deus. Para Josué não se tratava de Israel contra os gigantes, mas de Deus contra os gigantes. Porém os dez espias o contradiziam. Excluíram a Deus e exageravam seu relatório original. Agora todos os cananeus eram gigantes na opinião deles. Não poderiam conquistar Canaã, diziam.

➢ ***A reação de Israel e o Juízo de Deus (Nm 14).***

A rebelião de Israel	_____	Nm 14.1-10
A intercessão de Moisés	_____	Nm 14.11-19
Perdão e castigo	_____	Nm 14.20-38
A vã tentativa dos israelitas	_____	Nm 14.39-45

Controvérsia Acerca da Autoridade (Nm 16)

➢ ***A rebelião de Coré. O motivo da rebelião.***

A contestação de Coré à autoridade religiosa de Arão e o desafio de Datã e Abirão ao governo de Moisés constituem uma das ameaças mais sérias que os líderes tiveram de enfrentar porque abrangia dois aspectos: *religioso* e *político.*

Desafiaram a autoridade de Moisés e a ordem divina a respeito de Arão, de ele ser o único

sumo sacerdote (Nm 16.3-11). Assim agindo, rejeitavam a Deus e à sua Palavra revelada a respeito do dirigente designado do povo de Deus.

Consequentemente, receberam da parte de Deus ajusta condenação (Nm 16.31-35), como também a receberão todos aqueles que, no reino de Deus, *"amam os primeiros lugares nas ceias, e as primeiras cadeiras*" (Mt 23.6).

"Também procurais o sacerdocio?" (Nm 16.10), Coré e aqueles demais homens pensavam que poderiam escolher por conta própria os dirigentes do povo. Deus, porém, deixou claro que Ele estava no governo. Segundo o novo concerto, é Deus que continua decidindo que tipo de pessoas deve pastorear a sua Igreja. Ele estabeleceu as sagradas qualificações para aqueles que desejam servir no ministério (lTm 3.1-12; 4.12-16; Tt 1.5-9).

Quando os membros de uma Igreja deixam de lado os padrões divinos para o ministério pastoral e procuram eles mesmos dirigir esse assunto, desprezando a Palavra de Deus, estão manifestando a atitude rebelde de Coré e dos demais que se juntaram a ele. A direção da obra de Deus deve basear-se na sua vontade revelada à Igreja.

> **Obs.** Neste capítulo foram fundidas duas tradições. A tradição sacerdotal trata da revolta do levita Coré com 250 partidários contra Arão e os privilégios dos sacerdotes. A revolta de caráter (tradição) político de Datã e Abirão, da tribo de Rúben, contra a autoridade de Moisés.

A prova: Moisés não fez esforço algum para justificar sua posição nem a de Arão. Não recordou aos israelitas o que havia feito por eles, nem falou de seus abnegados labores, mas levou o problema diretamente a Deus em oração.

A prova que Moisés a seguir propôs, permitia que fosse Deus quem indicasse quais eram os detentores do sacerdócio e da autoridade. O terrível juízo divino sobre os rebeldes demonstra quão grave é levantar-se contra as autoridades que Deus pôs sobre a congregação.

Não devemos interpretar a frase *"desceram vivos ao sepulcro*" (Nm 16.33) como que tenham chegado em forma corporal ao lugar subterrâneo onde residiam os espíritos dos mortos. Significa que foram tragados vivos. Os "homens que pertenciam a Coré" que foram tragados pela terra (Nm 16.32) provavelmente eram servos de Coré; não os filhos de Coré, porque Números 26.11 diz: *"Mas os filhos de Coré não morreram*".

Evidenciou-se a má atitude da congregação de Israel durante a prova efetuada por Moisés no dia seguinte. Aparentemente muitos israelitas se desviaram pelas palavras insolentes dos amotinados contra Arão e Moisés. Sua cegueira e obstinação[1] chegaram ao cúmulo de culpar Moisés do escarmento[2] terrível dos rebeldes. Deus interveio para ensinar-lhes a respeitar seus servos, e o triste resultado foi que quatorze mil e setecentas pessoas morreram em uma praga.

Perdoar a vida aos filhos de Coré, demonstrou a insondável graça divina. Embora tenham sido excluídos do sacerdócio, os descendentes chegaram a ocupar postos de honra no serviço do santuário. Isto revela que no reino de Deus, apesar dos fracassos dos pais, a pessoa pode chegar ao auge do êxito e da honra.

[1] Pertinácia, persistência, tenacidade, perseverança

[2] Correção, castigo, punição.

- ***A prova das varas (Nm 17).***

Vindica a escolha, por Deus, da tribo de Levi para prover ministros, e de Arão como sumo sacerdote. O Senhor operou um milagre para evidenciar a sua escolha quanto à liderança (Nm 17.8). Sob o novo concerto, líderes colocados por Deus, que proclamam fielmente a Palavra de Deus, devem ser reconhecidos e obedecidos (Hb 13.17; Rm 13.1-4; lTm 2.1-3).

C. I. Scofield, em sua versão anotada da Bíblia, traça a semelhança entre o florescimento da vara de Arão e a ressurreição de Jesus Cristo. Destaca que a ressurreição foi a prova divina de que Cristo é o Sumo Sacerdote escolhido por Deus. A autoridade do sacerdócio de Arão havia sido negada na revolta de Coré, portanto Deus mesmo a confirma (Nm 17.5).

Cada um dos chefes de tribo levou uma vara completamente seca; Deus deu a vida somente à vara de Arão. Da mesma maneira, todos os fundadores de religião morreram, e Cristo também entre eles; mas somente Ele ressuscitou dentre os mortos e foi exaltado para ser Sumo Sacerdote (Hb 4.14; 5.4-10).

- ***A purificação do acampamento (Nm 19).***

Considerando que uma multidão de pessoas morreu por causa da rebelião de Coré, e os meios comuns para remover a contaminação resultante de tocar em cadáveres não eram provisão suficiente, o Senhor proveu um sacrifício especial para purificar o acampamento.

Os israelitas haviam de lavar-se segundo as regras de purificação. Preparou-se a água da purificação misturando nela as cinzas da novilha ruiva; a cerimônia foi, em alguns aspectos semelhantes à da purificação do leproso.

Experiências na Viagem para Moabe (Nm 20-25)

=>O pecado de Moisés e Arão (Nm 20.11-13).
=>Edom não permite a passagem (Nm 20.14-21).
=>A serpente de bronze (Nm 21.4-9).
=>Vitórias militares de Israel (Nm 21.1-3, 21-35).

Balaão (Senhor do Povo? Devorador?). Profeta da cidade de Petor, na Mesopotâmia. Não era israelita, mas, um sacerdote-adivinho conhecido entre as nações daquele tempo. Ele abençoou o povo de Israel, mas depois o levou ao pecado (Nm 22.5-24.25; 31.8,16; 2Pe 2.15; Jd 11).

Balaque acreditava que esse homem podia lançar maldições sobre o povo (Nm 22.6), influindo na vontade dos deuses e espíritos mediante seus conhecimentos ocultos de feitiçaria, de sortilégios[1] e das manipulações misteriosas (Nm 22.2-7; 24.1).

Balaão pode anteriormente ter sido um verdadeiro seguidor de Deus (Nm 22.18), e que depois se afastou da fé, tornando-se feiticeiro (Nm 22.7; cf. 31.16; Dt 23.4,5; 2Pe 2.15; Jd 11).

Como todos os demais falsos profetas, Balaão não tinha zelo genuíno pela honra de Deus, nem pela santidade do seu povo. Vendo ser-lhe impossível amaldiçoar o povo de Deus, Balaão o induziu ao pecado e à imoralidade (Nm 25.1-6; 31.16; Ap 2.14). Por isso ele foi morto (Nm 31.8; 25.2).

A referência de Balaão: "*Senhor, meu Deus*" (Nm 22.18), pode indicar que sua adoração a muitos deuses incluía o Deus de Israel. A Bíblia retrata-o

[1] **'Escolha de sorte', ou seja, de objetos destinados a predizer o futuro.**

como homem cujo fator motivante era o dinheiro, e não a retidão (Dt 23.3-6; 2Pe 2.15,16; Jd 11).

=> *A ira de Deus acendeu-se* (Nm 22.22). Deus permitiu que Balaão seguisse seu caminho, mas ficou irado porque ele continuava interessado na oferta de Balaque. A cegueira espiritual de Balaão foi revelada através do incidente com a jumenta (vv. 22,32,33).

=>*O Senhor abriu a boca da jumenta* (Nm 22.28). O NT declara que a jumenta falou: *"com voz humana, impediu a loucura do profeta''''* (2Pe 2.16).

Preparativos Para Entrar Em Canaã (Nm 26-36)

Sabendo que logo Israel entraria em Canaã, Moisés fez alguns preparativos:

=>*O segundo recenseamento* (Nm 26). O novo censo, necessário porque os do primeiro censo morreram no deserto (Nm 26.64), prepara a partilha de Canaã (Nm 26.52-56).

=>*Leis sobre heranças* (Nm 27.1-11). Em caso de não haver herdeiros varões em uma família, as filhas do defunto teriam direito de herdar.

=>*Nomeação do sucessor de Moisés* (Nm 27.12-23). Josué não recebe as ordens diretamente de Deus, como Moisés, mas deve recorrer ao sacerdote que por ele consultará o Senhor.

=>*Guerra contra Midiã* (Nm 31). O capítulo retoma a narrativa interrompida em Números 25.16s onde Moisés recebia a ordem de atacar os midianitas por terem arrastado Israel à idolatria.

=> *Divisão da Transjordânia* (Nm 32). Moisés ratifica a ocupação da Transjordânia feita por conta própria pelas tribos de Rúben, Gade e parte de Manassés (Maquir). Como condição exige o compromisso deles de ajudarem as demais tribos na conquista de Canaã (Nm 32.20-22,28-33).

=> *Ordens referentes à ocupação de Canaã* (Nm 33.50-36.13). Apresenta os limites ideais da Palestina (Js 15.1-4; Ez 47.13-20), a ser repartida entre as tribos.

Questionário

■ Assinale com "X" as alternativas corretas

6. Moisés convidou seu cunhado..... para seguir com Israel
   a) Medade
   b) Nadabe
   c) Hobabe
   d) Eldade

7. Quanto ao episodio de Coré, Datã e Abirão, é incerto dizer que:
   a) Coré contestou aautoridade religiosa de Arão
   b) Datã e Abirãodesafiaram o governo deMoisés
   c) A contestação abrangia dois aspectos: religioso e político
   d) Os três eram levitas

8. Quanto á Balaão, é correto afirmar que:
   a) Era israelita, um profeta
   b) Não acreditava no Deus de Israel, em hipótese alguma

c) É um homem cujo fator motivante era a retidão
e) É o homem do incidente com a jumenta

■ Marque “C” para Certo e “E” para Errado

9. A lei sobre heranças explanada em Números era o seguinte: em caso de não haver herdeiros varões em uma família, as filhas do defunto teriam direito de herdar
10. O segundo censo contido no livro de Números era necessário porque os do primeiro morreram no deserto

Lição 5

Deuteronômio

Deuteronômio	**Autor:** Tradicionalmente Moisés. **Data:** Cerca de 1405 a.C. Tema: Renovação do Concerto. **Palavras-Chave:** Concerto, lembrar, obedecer, abençoado, amaldiçoado. **Versículo-chave:** Dt 10.12-13.

O nome do livro provém da tradução grega dos LXX, que entendeu de modo impróprio a expressão hebraica "uma cópia da Lei" (Dt 17.18) por "uma segunda Lei" *(deutero-nomos)*. Este título, porém, toca num dos pontos básicos do livro: a relação entre a Lei dada no Sinai e a segunda doação da Lei a Moisés nas estepes[1] de Moabe. Mostra também que os antigos já haviam notado que o Deuteronômio repete em parte, materiais narrativos e, sobretudo legislativos, espalhados no Pentateuco (Êx 20-23).

O livro consiste nas mensagens de despedida de Moisés, nas quais ele sumariou e renovou o concerto entre Deus e Israel, para o bem da nova geração de israelitas. Tinham chegado ao fim da peregrinação no deserto e agora estavam prontos para entrarem na terra

[1] **Tipo de vegetação ou de paisagem dominado por plantas pequenas, sobretudo gramíneas, que se encontra em zonas frias e secas.**

de Canaã. A nova geração, na sua maior parte, não tinha lembrança pessoal da primeira Páscoa, da travessia do mar Vermelho, nem da outorga da lei no monte Sinai. Careciam de uma narração inspirada do concerto de Deus, da sua lei e da sua fidelidade, bem como uma renovada declaração das bênçãos resultantes da obediência e das maldições da desobediência.

Enquanto o livro de Números registra as peregrinações no deserto, da rebelde primeira geração de israelitas, abrangendo um período de trinta e nove anos, Deuteronômio abrange um período de talvez um só mês, numa só localidade, nas planícies de Moabe, diretamente a leste de Jericó e do rio Jordão.

O Autor

Deuteronômio foi escrito por Moisés (Dt 31.9,24-26; 4.44-46; 29.1) e entregue a Israel como um documento do concerto, para ser lido por extenso diante de todo o povo, a cada sete anos (Dt 31.10-13). É provável que Moisés tenha completado o livro pouco antes da sua morte, cerca de 1405 a.C.

O relato da morte de Moisés (Dt 34) evidentemente foi acrescentado logo após sua ocorrência (mais provavelmente por Josué) como um tributo merecido a Moisés.

Data

Moisés e os israelitas iniciaram o Êxodo do Egito por volta de 1440 a.C. Chegaram às planícies de Moabe, onde Deuteronômio provavelmente tenha sido escrito, em cerca de 1405 a.C., na ocasião do discurso do conteúdo do livro ao povo, "«o *mês undécimo, no primeiro dia do mês, no ano quadragésimo de sua*

peregrinação pelo deserto" (Dt 1.3). Isso foi um pouco antes da morte de Moisés e do início da liderança de Josué em guiar os israelitas a Canaã. Portanto, Deuteronômio cobre um período inferior a dois meses, incluindo os trinta dias de lamento pela morte de Moisés.

Deuteronômio e seu Cumprimento no NT

Quando Jesus foi tentado pelo diabo, Ele respondeu, citando trechos de Deuteronômio (Mt 4.4,7,10; Dt 8.3; 6.13,16). Quando perguntaram a Jesus qual era o maior mandamento da lei, sua resposta veio de Deuteronômio (Mt 22.37; Dt 6.5). Quase cem vezes, os livros do NT citam Deuteronômio, ou a ele aludem[1].

Uma nítida profecia messiânica deste livro (Dt 18.15-19) é citada duas vezes em Atos (At 3.22,23 e 7.37). O cunho espiritual de Deuteronômio é fundamental à revelação do NT.

Deuteronômio é citado mais de oitenta vezes no NT e pertence assim, a um pequeno grupo de quatro livros veterotestamentários aos quais os cristãos faziam referência frequente.

Recapitulação da História das Peregrinações

(Dt 1.1-4.43)

1. Recapitulação dos fracassos de Israel (Dt 1).

1.1. Indicação de tempo e lugar (Dt 1.1-5).

Os quarenta anos da peregrinação de Israel estavam para completar-se. A geração incrédula já havia morrido. Israel encontrava-se na planície de

[1] **Fazer alusão; referir-se.**

Moabe, perto do rio Jordão. Ai Moisés se dirige à nova geração que está preste a apossar-se da terra prometida aos patriarcas. Seus discursos têm o propósito de preparar o povo para conquistar Canaã e renovar a aliança do Sinai.

1.2. Eleição dos juizes e Cades-Barnéia (Dt 1.6-46).

Em seu primeiro discurso Moisés recapitula a historia de Israel começando pelo relato da partida de Horebe. Narra como nomeou os juízes. Este relato tinha altivez[1], o propósito de lembrar aos israelitas que Deus havia multiplicado grandemente a descendência de Abraão. Era uma prova de fidelidade de Deus que cumpriria sua promessa de entregar aos israelitas a terra de Canaã.

Lembra-lhes que a primeira geração havia perdido a oportunidade de entrar na terra, constituiu pecado, porque o Senhor havia jurado aos patriarcas que daria a terra a eles e a seus descendentes. Era um juramento imutável do Deus imutável. Israel foi severamente castigado ao ser excluído de Canaã até que morresse a primeira geração.

Moisés adiciona pormenores em Deuteronômio que não se encontram nos livros anteriores. Por exemplo, de acordo com 1.22, foram os israelitas que sugeriram a Moisés enviar espias, mas segundo Números 13.2 foi Deus quem o ordenou. Não há contradição alguma, pois Deus mandou que Moisés despertasse a atenção do povo para que se manifestasse o que havia em seu coração.

Explica em 9.20 por que foi poupada a vida a Arão quando ele fez o bezerro de ouro. Por outro lado, Moisés omite certos detalhes: não menciona em 11.6 a

[1] **Nobreza, elevação,brio.**

Coré no relato da rebelião de Datã e Abirão (Nm 16), provavelmente porque alguns dos filhos de Coré foram perdoados e permaneciam na congregação. Seu pecado fora removido e não seria lembrado jamais (SI 103.12).

1.3. Fostes rebeldes ao mandado do Senhor (Dt 1.26).

O povo de Israel deveria ter entrado na terra prometida, trinta e nove anos antes (Dt 1.2,3), mas por causa da sua incredulidade e recusa em fazer a vontade de Deus, sua entrada foi protelada[1] (Nm 14.33,34).

1.4. Nenhum dos homens... verá esta boa terra (Dt 1.35).

Todos os israelitas que não quiseram entrar na térra prometida (ver Dt 1.26; Nm 14.4,26-35) perderam o direito, a partir de então, de entrar naquela terra. A desobediencia pode, muitas vezes, ser trágica, pois poderá resultar em perda irreversível de oportunidade, bem como em julgamento divino.

- ***Vitorias e repartições do territorio ao leste do Jordão (Dt 2 e 3).***

Moisés lembra a Israel que o Senhor os havia abençoado em tudo (Dt 2.7), havia-os guiado naquele "grande e tremendo deserto" e lhes havia dado vitórias sobre seus inimigos em Seom e Ogue. Por outro lado, não lhes havia permitido atacar os edomitas por serem eles descendentes de Esaú nem aos moabitas e os amonitas que eram descendentes de Ló. Como Soberano sobre as nações, Deus lhes havia especificado certo territorio como sua herança.

O Senhor... Peleja por vós. Os israelitas defrontavam-se com inimigos poderosos, aos quais não poderiam derrotar com suas próprias forças. A tendência natural de Israel era temer as consequências

[1] **Adiar, retardar, prorrogar, procrastinar.**

pavorosas da derrota. Sua única certeza da vitória seria mediante a confiança em Deus (ver Dt 3.2,3; 1.30; 2.24,25,31,33,36; 20.4).

- ***Exortação à obediência (Dt 4.1-43).***

Considerando o que havia sucedido à geração anterior, Moisés apela fervorosamente para Israel a fim de que não cometa o mesmo erro, que guarde a lei e a ponha em ação. Se obedecesse à lei viveria e tomaría posse de Canaã.

Outro motivo para obedecer a Deus era que somente Israel tinha o alto privilégio de ser seu povo. Somente para Israel o Senhor estava tão perto. Havia- lhes falado com voz audível e com eles havia firmado um concerto.

Notamos o zelo de Deus. Como o marido que dá à sua esposa amor sem reserva e exige dela lealdade, assim Deus exige a mais absoluta fidelidade de seu povo. Moisés adverte solenemente que o fato de apartar-se de Deus para prestar culto aos ídolos traria como conseqüência à dispersão dos hebreus. Por outro lado, o arrependimento traria a restauração.

Quando Moisés fala ao povo, geralmente emprega o pronome "vós" (Dt 4.1-8,11-18,20-23), mas algumas vezes pensa em seus integrantes individualmente e usa o pronome "tu" (Dt 4.9,10; 19.1- 21). Em outras oportunidades ele próprio se inclui em sua nação e se expressa com a primeira pessoa do plural, "nós" (Dt 2.8).

Exposição da Lei (Dt 4.44-26.19)

O segundo discurso de Moisés é uma exortação preparatória para a Lei deuteronômica (Dt 12-26). Como o primeiro discurso, parte também de um

retrospecto histórico, onde se recorda a teofania[1] do Horebe e a doação dos dez mandamentos.

1. Os dez mandamentos e sua aplicação (Dt 4.44-11.32).

1.1. O decálogo (Dt 4.44-6.3).

Os dez mandamentos eram a base da aliança que o Senhor fez com Israel. Chamam-se "testemunhos" (Dt 4.45), pois constituem a revelação do caráter, da vontade e do propósito divinos. A lei declara que Deus é uno e santo. Aponta, também, o caminho que o homem deve seguir para viver em harmonia com o seu Criador e com o próximo.

O decálogo começa com as palavras: *"Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão*" (Dt 5.6). O Senhor exige obediência porque:

=> É Deus, o Soberano;

=>Estabeleceu relação pessoal com o seu povo. A expressão "teu Deus" ou sua equivalente encontra- se mais de trezentas vezes em Deuteronômio e é a base da verdadeira fé. Lembra a relação que existe entre um pai e seus filhos;

=>O Senhor redimiu a seu povo da servidão, portanto espera que os redimidos obedeçam à sua voz.

A diferença entre o decálogo apresentado aqui e o de Êxodo 20 encontra-se no quarto mandamento. Para observar o dia de descanso, Deuteronômio adiciona outra razão além de que o Criador tenha descansado: os israelitas haviam sido resgatados da servidão do Egito e deviam dar a seus servos e animais de trabalho o dia de descanso semanal (Dt 5.14,15).

[1] **Manifestação de Deus, desde a voz até a imagem, perceptível pelos sentidos humanos.**

1.2. O grande mandamento (Dt 6.4,5).

Os judeus chamam a estes versículos *Shemá* por ser a primeira palavra que se traduz "ouve". E o credo dos judeus; duas vezes por dia os judeus piedosos repetem o *Shemá*. E a afirmação da fé monoteísta, porém não nega a possibilidade de que Deus seja trino, isto é, que em um mesmo Deus haja três pessoas.

A palavra traduzida "único" (Dt 6.4) não é um termo hebreu que indique unidade indivisível; parece, antes, ensinar que o Senhor é o único Deus. A Bíblia Nácar-Colunga traduz a frase assim: *"Yavé es nuestro Dios. Yavé es único*" *(Yavé* é nosso Deus. *Yavé* é único). Deve-se amar a Deus "de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder". Jesus citou-o como o primeiro e grande mandamento. Depois citou de Levítico 19.18 as palavras "*amarás o teu próximo como a ti mesmo*", a fim de apresentar o âmago da lei e a síntese mais perfeita da verdadeira religião (Mt 22.37-40).

1.3. A religião no lar (Dt 6.6-9).

"E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos". Os pais não devem depender da instrução pública da religião mas devem instruir os filhos nos lares. Os israelitas falhavam neste dever e apostatavam cada vez mais.

1.4. Advertência contra a idolatria e exortação à obediência (Dt 6.10-11.32).

Moisés previu o perigo de que os israelitas, uma vez estabelecidos na terra de Canaã se esquecessem de seu Deus e servissem a deuses estranhos. Advertiu também a Israel quanto à covardia, quanto à auto-suficiência, e proibiu-lhe buscar acordo com as nações derrotadas.

Deus escolheu Israel para ser um povo santo, especial (Dt 7.6), "o *seu povo próprio, de todos os povos que sobre a terra há"* (Dt 14.2).

Acrescenta que Deus lhes entregaria a terra de Canaã porque a havia prometido aos pais, não porque os israelitas fossem mais numerosos que outros (ao contrário, era o mais insignificante dos povos, Dt 7.7) , nem tampouco porque fossem retos e justos, mas porque os cananeus eram extremamente ímpios (Dt 9.4,5). Longe de ser justos, os israelitas murmuravam e se rebelavam continuamente. No Sinai prestaram culto ao bezerro de ouro, em Massá ameaçaram apedrejar a Moisés e em Cades-Barnéia recusaram-se a entrar na terra prometida.

Os "vespões" que o Senhor enviou sobre os cananeus (Dt 7.20) foram, possivelmente, os bandos de egípcios que invadiram Canaã naquela época, já que o vespão era um dos emblemas do Egito. O arqueólogo João Garstang pensa, no entanto, que se deu o nome de "vespões" às guerras que debilitaram os cananeus antes que os israelitas invadissem Canaã.

2. Leis referentes ao culto e à vida santa (Dt 12.1-16.17).

O propósito das leis deste grupo era obter a consagração completa ao Senhor. As exigências no tocante aos dízimos, às primicias e aos sacrifícios estavam relacionadas com o estabelecimento de um único lugar de culto que no princípio foi o tabernáculo e, mais tarde, o templo.

2.1. Precauções contra a idolatria (Dt 12 e 13).

Ao entrar em Canaã, os israelitas estariam rodeados de idolatria; por esse motivo Moisés os preparou para resistir a esta tentação e lhes ordenou três coisas:

- Deviam destruir completamente todos os locais do culto pagão para que a terra fosse santa.
- Deviam prestar culto ao Senhor em um único lugar. Isto havia de preveni-los contra a tendência de misturar os costumes idólatras cananeus com o culto puro devido ao Senhor. O próprio Senhor escolheria o centro religioso para colocar nele o seu nome (isto é, revelar seu caráter e glória), nesse lugar deviam os israelitas trazer seus sacrifícios e suas ofertas.
- Deviam erradicar os que caíssem na idolatria. Deus permitiria que se levantassem falsos profetas para provar a seu povo e dessa maneira descobriria se o amavam de todo o seu coração ou não. Não deviam deixar que os falsos profetas os enganassem com seus sinais e milagres. Deviam matá-los. Também os idólatras deviam ser mortos publicamente. Seus pertences seriam queimados a fim de que os verdugos não fossem motivados pela esperança de receber lucros por sua obra. Não era severo infligir a pena capital por idolatria? Era imprescindível preservar Israel da idolatria, pois de outro modo sofreriam o mesmo castigo dos cananeus. A vinda do Redentor dependia da preservação moral da raça escolhida.

2.2. Deveres filiais e religiosos (Dt 14.1-16.17).

Como povo consagrado ao Senhor os israelitas deviam manifestar a santidade em todos os aspectos da vida. Esta santidade devia expressar-se de várias formas:

- Não deviam praticar os costumes pagãos (Dt 14.1). Como filhos de Deus, feitos à sua imagem, não deviam desfigurar seus corpos (ver 1Co 6.19,20).

- Deviam comer somente o que era limpo (Dt 14.3- 21). O apóstolo Paulo interpreta o imundo em termos espirituais como tipos do impuro na esfera moral (2Co 6.17).
- Deviam oferecer a Deus os dízimos dos frutos de seu trabalho (Dt 14.22-29). Os produtos da terra e tudo o que o homem possui devem ser considerados como dádiva de Deus e uma décima parte há de ser separada para o Senhor. No versículo 29 do capítulo 14 evidencia-se o grande cuidado de Deus para com os pobres e se encontra a promessa de abençoar ao que dá generosamente.
- Deviam cancelar as dívidas cada sétimo ano, o ano de remissão (Dt 15.1-6,12-18). Esta lei tinha o propósito de evitar que os ricos aumentassem seus bens e os pobres se empobrecessem mais com o correr do tempo. Também deviam deixar em liberdade os que tinham o forçados a vender-se ou colocar-se a serviço do seu credor para liquidar suas dívidas. A remissão do Senhor mostra que Ele é misericordioso. E, também, símbolo da libertação muito maior que isto iria realizar (Lc 4.18).
- Deviam fazer anualmente as três peregrinações ao centro religioso para celebrar as três festas sagradas (Dt 16.1-17).

Questionário

■ Assinale com “X” as alternativas corretas

1. Com relação a Deuteronômio, é incoerente dizer:
   a) Foi escrito por Moisés
   b) Seu contexto abrange um período de 39 anos
   c) Foi escrito para ser lido por extenso diante de todo o povo, a cada 7 anos
   d) Foi entregue a Israel como um documento do concerto

2. O mais provável é que, Deuteronômio foi escrito:
   a) Nas planícies de Moabe
   b) Em Cades-Barnéia
   c) No Monte Sinai
   d) Em Eziom-Geber

3. Quanto aos deveres filiais e religiosos instituídos em Deuteronômio ao povo de Israel, assinale o incorreto
   a) Deviam comer somente o que era limpo
   b) Deviam oferecer a Deus os dízimos dos frutos de seu trabalho
   c) Deviam cancelar as dívidas cada três anos, o ano de remissão
   d) Deviam celebrar anualmente as três festas sagradas

■ Marque “C” para Certo e “E” para Errado

4. Deuteronômio é um dos livros do AT que menos há referencia no NT
5. Segundo Deuteronômio, foram os israelitas que sugeriram a Moisés enviar espias

3. Leis de justiça e de humanidade (Dt 16.18-26.19).

Visto que em Israel governava uma teocracia (governo de Deus), as funções civis e religiosas se uniam para que tudo caísse sob a direção divina.

3.1. Administração da justiça (Dt 16.18-17.13).

Os juízes seriam escolhidos pelo povo hebreu. Como representantes de Deus e para proteger os direitos de seu povo deviam julgar com imparcialidade.

3.2. Instruções acerca de um rei (Dt 17.14-20).

No devido tempo, Deus daria um rei a Israel. Moisés antecipava as condições sob as quais haveria de estabelecer-se o seu reinado. São as seguintes:

=>Devia ser eleito por Deus. Seria israelita, e não estrangeiro. Saul e Davi cumpriram estes requisitos, mas tiveram seu cumprimento mais completo em Cristo, o grande Rei.

=>Isto significa que o rei não devia depender do poderio militar, nem de alianças com outras nações, mas do poder divino. Tampouco devia imitar os outros reis orientais com uma demonstração de glória terrenal.

=>Não devia tomar para si muitas mulheres; devia ser espiritual, e não sensual. Tampouco devia casar-se com a finalidade de formar aliança com outras nações.

=>Não devia amontoar riquezas para si, isto é, não devia usar seus poderes com finalidades egoístas, mas para servir ao povo de Deus. *"Onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração'"* (Lc 12.34).

=>Devia escrever-se para o rei uma cópia da lei. O rolo original das escrituras de Moisés estava

guardado no santuário. Os levitas e sacerdotes haviam de entregar a cada rei uma cópia quando este fosse coroado. Desta maneira, o soberano podia 1er diariamente a Palavra divina com o filo de temer a Deus, de sujeitar-se à lei revelada e de tomar suas decisões segundo a vontade de Deus. Parece que se acrescentam instruções para o rei limitando seus poderes *("Para que o seu coração não se levante sobre os seus irmãos*", Dt 17.20a).

Deus não queria que os reis de Israel fossem soberanos absolutos nem déspotas arbitrários sobre o povo do concerto, mas subalternos do Rei Celestial.

3.3. As porções dos levitas (Dt 18.1-8).

Considerando que o Senhor protegeu a vida dos primogênitos na noite da páscoa, estes lhe pertenciam (Êx 13.1-2,11-16). Deus tomou os levitas em lugar dos primogénitos (Nm 3.11,12) para servir no tabernáculo, ensinar a lei e ajudar os sacerdotes. Portanto, não receberiam territorio como as demais tribos. "O *Senhor é a sua herança*" (Dt 10.9). Estariam dispersos por todas as partes a fim de que seus serviços estivessem ao alcance de todo o povo hebreu e deviam ser sustentados pelos dízimos dos israelitas.

3.4. Os profetas e o Profeta (Dt 18.9-22).

Encontra-se aí a promessa de Deus de que levantaria uma ordem de profetas com a proibição de recorrer a adivinhos e a espiritistas.

Não era necessário consultar os espiritistas para saber o futuro, porque Deus enviaria profetas verdadeiros e suas credenciais seriam de tal sorte que

[1] **Diz-se daquele que está sob as ordens de outro; inferior, subordinado.**

não deixariam lugar para dúvidas. Seriam profetas do Senhor e não de outro deus (Dt 18.20).

O homem que se lança ao ofício profético sem ser chamado por Deus, é um profeta falso (Dt 18.20) . Os autênticos não profetizariam de seu próprio coração, mas falariam somente as palavras que Deus lhes desse (Dt 18.18). Suas palavras se cumpririam infalivelmente (Dt 18.22).

Não obstante, podia ocorrer, em certos casos, que falsos profetas operassem milagres e se cumprissem suas palavras, mas ficariam a descoberto através de sua doutrina em desacordo com a de Deus (Dt 13.1,2). Deus permitiria que fizessem sinais para provar a seu povo, a fim de que se manifestasse se o amavam ou não (Dt 13.3). Finalmente, o verdadeiro profeta honraria a Palavra escrita de Deus (Is 8.19,20).

Conquanto se possa aplicar esta passagem (Dt 18.15-19) à ordem dos profetas, estes versículos falam antes de tudo do Profeta por excelência, que seria superior a Moisés (At 3.22-23; 7.37).

3.5. As cidades de refúgio (Dt 19.1-14; Nm 35.6-28).

Segundo as antigas leis de Israel, quando alguém feria ou matava uma pessoa, embora fosse por acidente, podia ser morto pelo parente mais próximo da vítima. Este se chamava "vingador do sangue".

Moisés indicou três cidades ao oriente do Jordão que serviriam de asilo aos que matassem a outros por acidente. Josué separou outras três cidades ao ocidente do mesmo rio.

Os anciãos da cidade julgavam o fugitivo para ver se tinha ou não culpa de homicídio. Se havia matado sem má intenção ou por casualidade, podia ficar na cidade e estar seguro dentro de seus limites. Se, porém, saísse, o vingador do sangue tinha o direito

de matá-lo. Se ficasse aí até que morresse o sumo sacerdote, então tinha liberdade de voltar ao seu lar sem maior perigo.

3.6. Leis diversas (Dt 19.15-26.19).

Uma vez que as leis que se encontram nestes capítulos são muitas e a maioria delas corresponde a uma época passada, consideraremos somente algumas dessas leis, a saber:

=>A lei se mostra atenciosa quanto ao serviço militar (Dt 20.5-8). Aquele que acabava de construir uma casa nova, ou de semear uma vinha, ou de contrair matrimônio, estava isento do serviço militar. Não se aceitavam os medrosos, pois não seriam bons guerreiros e seu medo seria contagioso.

=>Os israelitas deviam destruir completamente os cananeus e suas cidades (Dt 20.16-18). O propósito era que a religião do Senhor não fosse contaminada com os costumes pagãos.

=>Os israelitas deviam manter diferenças de vestimenta entre os sexos (Dt 22.5). Dada a similitude do atavio masculino e feminino, era necessário poder distinguir entre ambos. De início Deus criou o homem e a mulher e cada um tem sua natureza e funções distintas. Esta lei protegia-os da perversão e da imoralidade.

=>A escravidão, o concubinato, a poligamia e o divórcio eram tolerados, mas muito restritos (Dt 21.10-17; 23.15,16; 24.1-4; Êx 21.2-11). A escravidão não existia em grande escala, como em outras nações, e as leis mosaicas quanto a estas infelicidades eram muito humanitárias. Deus permitiu estes abusos porque os hebreus ainda não estavam preparados para a elevada moral do Sermão do Monte.

Moisés não instituiu o divórcio, mas tolerava um costume arraigado já em Israel (Mt 19.8). A lei mosaica aliviava um pouco sua injustiça, pois obrigava o homem a ter uma ofensa completa como causa para repudiar sua mulher e dar-lhe um certificado legal de repúdio.

O repúdio da mulher limitava-se a uma única causa: haver o marido descoberto nela alguma *"cousa feia"* (Dt 24.1). Embora o AT não defina a "cousa feia", Jesus a descreve como "prostituição" (Mt 19.9). Se o homem repudiava sua mulher, ela tinha a possibilidade de casar-se com outro, porém nunca com seu primeiro marido. Era uma advertência contra o divórcio precipitado. A semelhança de outros males, o divórcio era permitido *"por causa da dureza dos vossos corações"* (Mt 19.8).

Profecias Sobre o Futuro de Israel (Dt 27-34)

1. Bênçãos e maldições (Dt 27-30).

Moisés explica pormenorizadamente as bênçãos e as maldições que acompanham o pacto do Sinai e convida a nova geração a renová-lo; todavia, a ratificação final do pacto com o Senhor seria feita em Canaã depois de atravessar o rio Jordão.

1.1. A promulgação da lei em Ebal (Dt 27).

Ao entrar na terra prometida, Israel tinha de passar pelo vale entre os montes Ebal e Gerizim. Este vale forma um anfiteatro natural, ideal para proclamar a lei ante uma multidão. Aí deviam apresentar sacrifícios de holocausto e ofertas de paz.

O holocausto significava consagração, ao entrar na terra, os israelitas se consagrariam de novo ao Senhor e gozariam da comunhão com seu grande

Dirigente espiritual. Eram atos imprescindíveis para receber o apoio divino e alcançar a vitória sobre os cananeus.

Seis das tribos iam tomar posição sobre as faldas[1] do monte Ebal e as outras seis sobre Gerizim. Quando os levitas lessem as maldições, os israelitas situados na falda de Ebal responderiam com "Amém". Quando lessem as bênçãos, as tribos que estavam sobre o Gerizim responderiam da mesma forma (Js 8.33,34). Dessa forma, antes de conquistar Canaã, os israelitas teriam gravadas em seus corações as condições que determinariam a bênção ou a maldição.

É interessante que o altar devia ser edificado sobre Ebal, o monte da maldição. Isto aponta para o Redentor que se ofereceu sobre o altar de Deus, sendo feito maldição por nós e assim nos libertou (G1 3.13).

1.2. Sanções da lei, bênçãos e maldições (Dt 28).

Moisés enumera extensamente e com vários detalhes minuciosos as bênçãos e as maldições, de modo que a entrada dos israelitas na terra prometida a escolha de seu destino estava diante deles. A obediência traria bênção e a desobediência acarretaria maldição. Se os israelitas houvessem prestado atenção às advertências de Moisés, teriam sido salvos de grandes padecimentos através de sua história.

A obediência traria as seguintes bênçãos a Israel (Dt 28.1-14):

=>Prosperidade extraordinária e geral (Dt 2-6);

=>Livramento dos inimigos (Dt 7);

=>Abundância de produção (Dt 8,11,12);

=>Bênçãos espirituais (Dt 9,10);

=>Proeminência entre as nações (Dt 1,10,13).

[1] **Abas da montanha; sopé.**

A desobediência traria as seguintes maldições (Dt 28.15-68):

* Maldições pessoais (Dt 16-20);
* Peste (Dt 21,22);
* Estiagem (Dt 23,24);
* Derrota nas guerras (Dt 25-33);
* Praga (Dt 27,28,35);
* Calamidade (Dt 29);
* Cativeiro (Dt 36-46);
* Invasões dos inimigos (Dt 45-57):

  =>Devastação da terra (Dt 47-52). Cumpriu-se nas invasões dos assírios e babilônios.

  =>Canibalismo em tempo do cerco, (Dt 53-57). (Ver 2Rs 6.28; Lm 2.20).
* Pragas (Dt 58-62);
* Dispersão entre as nações (Dt 63-68).

1.3. Ultimo discurso de Moisés. Convite para renovar o pacto (Dt 29 e 30).

Moisés apela pessoalmente para essa geração a fim de que reassumam o pacto e jurarem ser leais. Prediz a apostasia de Israel e seu castigo, experimentarão a bênção e a maldição; finalmente, a graça de Deus abriria a porta para o arrependimento e para o perdão. Deus circundará o coração de seu povo a fim de que o amem e obedeçam a Ele. A circuncisão de coração refere-se à transformação da vontade de modo que sirvam ao Senhor com sinceridade.

Não devem pensar que a lei seja demasiado difícil de cumprir. Não está no céu nem além do mar, não é inatingível, *"está mui perto de ti, na tua boca, e no teu coração, para afazeres*" (Dt 30.11-14).

Moisés apresenta a Israel duas alternativas: servir ao Senhor ou servir aos seus inimigos. Ao deixar o Senhor, Israel será então sempre presa dos invasores.

Unicamente o braço invisível de Deus pode protegê-lo se o povo apoiar-se nele.

2. Últimos dias de Moisés (Dt 31-34).

2.1. Últimas disposições (Dt 31.1-29).

Ao completar cento e vinte anos, o grande dirigente sabia que lhe restava pouco tempo antes de morrer. Animou os israelitas a esforçar-se por tomar posse de Canaã, colocou Josué em seu posto de sucessor, e entregou o livro da lei aos levitas para ser guardado junto da arca no Lugar Santíssimo.

Moisés deu instruções aos levitas para que congregassem o povo nos anos sabáticos a fim de 1er-lhes a lei. Desse modo os levitas receberam o cargo docente em Israel. O que era o livro da lei? (Dt 31.9). Acredita-se que era mais que o código da lei que havia sido dado no monte Sinai. Possivelmente incluía quase todo o livro de Deuteronômio, ou, pelo menos, a parte importante que se encontra entre os caps. 27 a 30. O capítulo 31 contém evidência clara de que Moisés escreveu as coisas importantes da fé hebraica.

2.2. O Cántico (Dt 31.30-33.47).

Após cruzar o mar Vermelho Moisés havia entoado um hino ao Senhor (Ex 15.1; Ap 15.3), e agora quando está prestes a concluir sua carreira compõe outro cântico de júbilo ao Senhor. Recebe esse cântico o nome de "chave de toda a profecia" porque conta o nascimento e a infância de Israel, sua integridade e apostasia, seu castigo e restauração. Por outro lado, o tema é o nome de Deus, sua terna solicitude por seu povo, sua justiça e misericórdia. O cântico tinha muita importância, pois "os cânticos nacionais se gravam profundamente na memória, e exercem poderosa influência para comover os sentimentos de um povo".

Encontram-se algumas figuras retóricas de muito interesse neste cântico. Deus é designado como "Rocha" de Israel (Dt 32.4,18,30,31) metáfora expressiva do poder e estabilidade divina. Era o Refúgio e o Defensor de seu povo.

Em tempos de ataque, as pessoas em perigo costumavam, às vezes, subir nas penhas de onde podiam defender-se mais facilmente; por isso se considerava a rocha lugar propício de refúgio.

Moisés ilustra o cuidado carinhoso e extraordinário de Deus para com seu povo no deserto empregando três figuras poéticas:

=>Israel é "a porção do Senhor" e "sua herança" (Dt 32.9) . Isso indica que Deus preservou para si a Israel como herança especial. Guardou-o como um homem guarda a menina de seu olho, parte vital e muito delicada (Dt 32.10).

=>Também compara o cuidado divino ao da solicitude da águia. Ensina seus filhotes a voar e intervém em caso de a jovem águia em sua primeira tentativa começar a cair ao solo. A mãe passa por baixo de seu filhote que cai e o leva sobre suas asas (Dt 32.11).

=>O termo Jesurum (Dt 32.15) é uma expressão de carinho; significa "criança mimada" ou, possivelmente, "o justo". Contudo, Jesurum seria como um animal engordado que, em vez de sentir gratidão e submeter-se ao seu generoso senhor, escoiceia[1].

Assim Israel, visto profeticamente, a despeito das grandes bênçãos que receberia do Senhor, voltar-lhe-ia as costas e se entregaria à idolatria.

[1] **Dar coice em. Fig. Tratar brutalmente; insultar.**

2.3. *Moisés abençoa as tribos (Dt 33).*

Pouco antes de subir ao monte Nebo para contemplar a terra prometida e morrer, Moisés abençoou as tribos de Israel. Convocou-as, exceto a de Simeão, e profetizou poeticamente as bênçãos que elas receberiam ao estabelecer-se em Canaã.

A última bênção de Moisés e a última bênção de Jaco contrastam muito entre si. Jacó sintetizou a historia da conduta de seus filhos, que às vezes foi triste e humilhante. Moisés, pelo contrário, passa por alto os pecados deles e apresenta a graça que Deus revelou a seu favor.

Como se explica a diferença entre as duas bênçãos, uma vez que ambas se referem às tribos de Israel? Um comentarista, C. H. Mackintosh, observa: *"Jacó contempla seus filhos do ponto de vista pessoal; Moisés os vê segundo a relação que existe com o Senhor em virtude do concerto".*

Convém notar que as bênçãos se concretizariam com a colocação de cada tribo na terra de Canaã tal como foi dividida mais tarde. Com olho profético, o velho dirigente viu a terra prometida e a localização posterior de cada tribo. Também se relacionam as bênçãos de cada tribo com a necessidade ou função de cada uma delas.

=> Para ***Rúben***, que havia perdido a primogenitura, Moisés pediu a multiplicação de seus filhos.

=> ***Judá*** teria grande poder; seria como o que toma a dianteira nas ações militares contra os inimigos de Israel.

=> ***Levi*** recebeu o sacerdocio e o ministério de consultar ao Senhor em paga por seu zelo pela causa do Senhor na ocasião em que Moisés decretou a morte dos impenitentes adoradores do bezerro de ouro.

=>Moisés contemplou a tranqüilidade futura de ***Benjamim*** ao habitar nos montes.

=>Acerca das tribos de ***José (Efraim*** e ***Manasses),*** foi profetizada a fertilidade de sua terra e também sua grande força semelhante à de um búfalo.

=>***Zebulom*** e ***Issacar*** prosperariam em empresas comerciais nas costas do mar.

=>***Gade*** foi louvado por Moisés por sua coragem e fidelidade no trabalho.

=>***Dã*** seria valente e forte como um leão jovem que chega à plenitude de suas forças.

=>***Naftali*** receberia uma terra fértil na região do mar da Galiléia.

=>De ***Aser,*** Moisés profetizou grande abundância de oliveiras e segurança.

O segredo para receber todas as bênçãos encontra-se no incomparável Deus de Jesurum. Os israelitas alcançariam vitória sobre seus inimigos porque Deus lha concederia. Quando Israel se colocava nos braços eternos, esses mesmos braços o conduziam pelo campo de batalha e o utilizavam para executar o juízo divino contra os corrompidos cananeus.

- ***Tribo de Simeão.***

Esta tribo foi omitida quando Moisés abençoou a nação de Israel (Dt 33). Uma comparação entre as cidades dadas a Simeão foi assimilada pela de Judá, cumprindo assim, a profecia de Jacó (Gn 49.5-7).

Quando a terra de Canaã foi dividida, o segundo lote caiu para Simeão. A tribo recebeu terras no extremo sul de Canaã, no meio do território de Judá (Js 19.1-9). Simeão uniu-se com Judá para lutar contra os cananeus (Jz 1.1,3,17). Entre as cidades simeonitas estavam Berseba, Horma e Ziclague (Js 19.1-9).

Embora os descendentes de Simeão tivessem desaparecido com tribo, Ezequiel a menciona em suas profecias sobre uma futura terra de Canaã (Ez 48.24- 25,33). O livro de Apocalipse conta 12 mil membros da tribo de Simeão entre os que foram selados (Ap 7.7).

3. A morte de Moisés (Dt 34).

Como parte da recompensa por sua fidelidade, Deus permite a Moisés contemplar a terra prometida do topo do monte Nebo. Mas por sua desobediência no incidente das águas de Meribá, não se lhe permite entrar naquela terra.

Demonstra que embora Moisés seja libertador, não é o libertador por excelência, pois não pôde alcançar para seu povo a vitória final.

Não obstante, não houve profeta antes nem depois em Israel como ele Deus levou o espírito de Moisés consigo e sepultou o corpo em um lugar desconhecido dos *israelitas.* Se *o* lugar de seu sepultamento fosse conhecido, o povo o teria convertido em um santuário idólatra.

Muitos crêem que Josué escreveu este último capítulo como tributo final a Moisés.

Questionário

■ Assinale com “X” as alternativas corretas

6. Deus os tomou em lugar dos primogênitos para servir no tabernáculo, ensinar a lei
   a) Os levitas
   b) Os sacerdotes
   c) Os simeonitas
   d) Os danitas

7. Tribo que foi omitida quando Moisés abençoou a nação de Israel - (Dt 33)
   a) Tribo de Benjamim
   b) Tribo de S imeão
   c) Tribo de Dã
   d) Tribo de Issacar

8. Deus levou o espírito de Moisés consigo e sepultou o corpo
   a) Em um lugar chamado monte Nebo
   b) Em um lugar chamado Vale do Jordão
   c) Em um lugar desconhecido dos israelitas
   d) Em um lugar chamado monte Sinai

9. ☐ Moisés indicou três cidades ao oriente do Jordão que serviriam de asilo aos que matassem a outros por acidente. Josué separou outras três cidades ao ocidente do mesmo rio

10. Aquele que acabava de construir uma casa nova, ou de semear uma vinha, ou de contrair matrimônio, estava isento do serviço militar

Pentateuco

Referências Bibliográficas

STAMPS, Donald C.; *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

BOYER, Orlando. *Pequena Enciclopédia Bíblica*. Pindamonhangaba: IBAD.

DOUGLAS, J. D.; *O Novo Dicionário da Biblia*. 2ª Ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

ANDRADE, Claudionor Correa de. *Dicionário Teológico*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e filosofia*. 3a Ed. São Paulo: Editora Candeia, 1975.

MCNAIR, S. E.; *A Biblia Explicada*. 16ª Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

HALLEY, Henry Hampton; *Manual Bíblico de Halley*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

PEALMAN, Myer; *Através da Biblia: Livro por Livro*. São Paulo: Editora Vida, 1977.

MEARS, Henrietta C.; *Estudo Panorâmico da Bíblia*. São Paulo: Editora Vida, 1982.

HOFF, Paul; *O Pentateuco*. São Paulo: Editora Vida.

ELLISEN, Stanley A.; *Conheça Melhor o Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Vida.

YOUNGBLOOD, Ronald F.; *Dicionário Ilustrado da Bíblia*. Iª Ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2004.

36 IBADEP anos

1976-2012

Teologia se faz aqui!

Teologia se faz aqui!

CIEADEP

IBADEP

CEC - CGADB
Reg: 015/90

CGADB

IBADEP - Instituto Bíblico da Assembleia de Deus - Ensino e Pesquisa
Rua. IBADEP, S/Nº - Cx. Postal 248 - Vila Eletrosul - 85980-000 - Guaíra - PR
E-mail: ibadep@ibadep.com - Fone: (44) 3642-2581 - Site: www.ibadep.com
Coordenador: Pr. M. Douglas Scheffel Jr.
Um departamento da CIEADEP

www.IBADEP.com